



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

AUCILENE RODRIGUES DA SILVA

**O MODO DE VIDA CAMPONÊS: APONTAMENTOS A PARTIR DA
COMUNIDADE CALDEIRÃO EM BREJINHO-PE**

**SUMÉ - PB
2022**

AUCILENE RODRIGUES DA SILVA

**O MODO DE VIDA CAMPONÊS: APONTAMENTOS A PARTIR DA
COMUNIDADE CALDEIRÃO EM BREJINHO - PE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Paulo César Oliveira Diniz.

**SUMÉ - PB
2022**



S586m Silva, Alcilene Rodrigues da.
O modo de vida camponês: apontamentos a partir da Comunidade Caldeirão em Brejinho - PE. / Alcilene Rodrigues da Silva. - 2022.

68 f.

Orientador: Professor Dr. Paulo César Oliveira Diniz.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Camponeses - Brejinho - PE. 2. Campesinato. 3. Modo de vida camponês. 4. Brejinho - PE - camponeses. 5. Comunidade Caldeirão - Brejinho - PE. 6. Sociabilidade rural. 7. Sociologia rural. 8. Alto do Pajeú - PE. I. Diniz, Paulo César Oliveira. II Título.

CDU: 316.343.37(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

AUCILENE RODRIGUES DA SILVA

**O MODO DE VIDA CAMPONÊS: APONTAMENTOS A PARTIR DA
COMUNIDADE CALDEIRÃO EM BREJINHO - PE**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do Cen-
tro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Paulo César Oliveira Diniz.
Orientador – UAC!S/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Luan Gomes dos Santos de Oliveira.
Examinador I - UAC!S/CDSA/UFCG**

**Ma. Carla Mailde Feitosa Santa Cruz.
Examinadora II**

Trabalho Aprovado em: 06 de outubro de 2022.

SUMÉ - PB

Dedico aos camponeses e camponesas da comunidade, em especial, a minha mãe

Irailda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido sabedoria para trilhar este caminho e também força nos momentos difíceis.

A minha mãe, agradeço-lhe por ter me dado “asas”, pelo apoio e orações diárias.

Aos meus irmãos, agradeço por todo apoio, carinho e amor. Agradeço, em especial, à minha irmã Valcilene e ao meu irmão Venilson. A Valcilene por ter me mostrado que a universidade também é, espaço para filha de camponês e pelo apoio emocional e financeiro no decorrer da graduação e a Venilson pela escuta solidária nos momentos desafiadores.

Ao meu noivo, Alexandre Antonio, por ouvir minhas angústias, me acolher, cuidar de mim, sonhar comigo e comemorar as minhas conquistas.

Aos meus sogros, dona Cosma e seu Antônio, pelo acolhimento e por me permitir fazer de seu lar o meu lugar de descanso.

Ao meu cunhado Chrystian, minha cunhada Albiege e meu concunhado Marquinhos, agradeço por acreditarem em mim e pelas palavras de motivação que, por muitas vezes, me encorajaram na caminhada.

As minhas bruguelinhas e bruguelinhos (como costumo me referir aos afilhados e sobrinhos) que foram, desde sempre, inspiração e motivação para mim. Também foi por eles, e pelos futuros, que eu escolhi trilhar esse caminho.

Ao meu cachorro Ralf (in memoriam) e gato Mike que foram companheiros de estudos e passaram horas e horas no quarto comigo.

Aos camponeses e camponesas da comunidade pela disponibilidade, conhecimentos partilhados e colaboração neste trabalho.

Aos meus amigos de turma e de vida, especialmente, Natan, Izabele, Adílio, Ana Carolina, Ana Suelén, as Andrezas (Cordeiro e Dário), Beatriz e Lila pelos momentos e conhecimentos partilhados durante a trajetória acadêmica. Sem vocês o percurso teria sido muito solitário e entediante.

Aos amigos do PET Gestão Pública, Política e Cidadania por compartilhar bons e divertidos momentos, além de ricas experiências de trabalho e pelas discussões durante o café da tarde que me proporcionou traçar os primeiros passos da pesquisa.

Aos professores do CDSA pelos ensinamentos, “puxões de orelha”, carinho e zelo com a minha formação.

Ao meu orientador, Paulo César Diniz, pela dedicação, empatia, orientação, amizade e incentivo na conclusão da pesquisa.

Aos professores integrantes da banca examinadora prof. Dr Luan Gomes de Oliveira e a profa. Ma Carla Mailde Feitosa Santa Cruz pela dedicação e contribuições para a melhoria deste trabalho e de outros futuros.

Por fim, expresso meus sinceros agradecimentos a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para conclusão deste ciclo.

Procurei encontrar inspiração
Num recanto de terra pequenina
Para fazer um poema em descrição
Das histórias da vida nordestina
Mas olhando para a força dessa gente
Vi que um verso não é suficiente
Para mostrar a beleza do que vejo
Um poema seria um disparate
Não há verso no mundo que retrate
A grandeza do povo sertanejo.
Maurício Menezes¹

¹ Com exceção desta epígrafe, as demais contidas no texto são de autoria de pessoas do município estudado.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as dinâmicas desenvolvidas pelos camponeses(as) na comunidade Caldeirão, Brejinho/ PE, para assegurar sua reprodução social e o modo de vida camponês. O aporte teórico escolhido foi Bosetti (2012), Carvalho (2015), Sabourin (1999; 2009), Wanderley (1996; 2015); Nascimento Rosa e Staccianiri (2012; 2014); Heredia (2013) e Nabarro (2021). A metodologia adotada foi de caráter qualitativo, realizada a partir da observação participante e realização de entrevistas semi-estruturadas, contendo questões sobre os aspectos organizacionais da comunidade, socioeconômicos, produtivos e culturais vivenciados pelos (as) camponeses (as) na comunidade. No que se refere às indagações da pesquisa empírica, foi constatado que os camponeses (as) se reproduzem socialmente e asseguram o modo de vida através de estratégias individuais (acesso à terra, produção diversificada, produção para o auto-consumo, mão de obra familiar, recebimentos de aposentadorias e benefícios) e por meios coletivos (participação na associação, feira, dentre outros) e também pela relação estabelecida com o espaço, isto é, as relações sociais e econômicas estabelecidas dentro da comunidade.

Palavras-chave: Campesinato; Modo de vida; Sociabilidade Rural; Alto do Pajéu; Brejinho –PE.

SILVA, Aucilene Rodrigues da. **The peasant way of life: notes from the Caldeirão community in Brejinho - PE.** UFCG, 2022. 73p. (Completion of course work in Licentiate in Social Sciences). 2022. 68f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2022.

ABSTRACT

The present research had objective to analyze the dynamics developed by the peasants in the Caldeirão community, Brejinho / PE, to ensure their social reproduction and the peasant way of life. The theoretical contribution chosen was Bosetti (2012), Carvalho (2015), Sabourin (1999; 2009), Wanderley (1996; 2015); Nascimento Rosa and Staccianiri (2012; 2014); Heredia (2013) and Nabarro (2021). The methodology adopted was of a qualitative nature, based on participant observation and semi-structured interviews, containing questions about the organizational, socioeconomic, productive and cultural aspects of the community experienced by peasants in the community. With regard to empirical research questions, it was found that peasants reproduce themselves socially and ensure their way of life through individual strategies (access to land, diversified production, production for self-consumption, family labor, receipts of pensions and benefits) and through collective means (participation in the association, fair, among others) and also through the relationship established with the space, that is, the social and economic relationships established within the community.

Keywords: Peasantry; Lifestyle; Rural Sociability; Alto do Pajéu, Brejinho-PE.

LISTAS DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 -	Caldeirão no período chuvoso.....	26
Fotografia 2 -	Escola Municipal Severino de Oliveira Leite, em Mussambê.....	27
Fotografia 3 -	Grupo escolar de Caldeirão utilizado para os encontros comunitários..	28
Fotografia 4 -	Banheiro Seco Ecológico na Unidade Experimental de Caldeirão.....	29
Fotografia 5 -	Instalação de internet via rádio na comunidade Caldeirão.....	30
Fotografia 6 -	Fogões à lenha observados nas residências.....	37
Fotografia 7 -	Uso dos meios de transportes na comunidade.....	38
Fotografia 8 -	Cuidados com os animais na unidade produtiva.....	41
Fotografia 9 -	Divisão social do trabalho nas unidades produtivas.....	42
Fotografia 10 -	Banco de sementes individual.....	46
Fotografia 11 -	Formas de aquisição das sementes.....	47
Fotografia 12 -	Práticas de conservação do solo.....	50
Fotografia 13 -	Abate de suínos nas unidades produtivas.....	55
Fotografia 14 -	Mutirão no desenvolvimento de atividades agrícolas.....	56
Fotografia 15 -	Encontros organizacionais e espaços de sociabilidade na comunidade.	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Acesso à aposentadoria rural ou benefício social.....	36
Gráfico 2 - Uso de freezer para conservação/congelamento dos produtos.....	36
Gráfico 3 - Uso de transportes motorizados pelas famílias.....	38
Gráfico 4 - Acesso a crédito rural.....	39
Gráfico 5 - Forma de obtenção da terra.....	40
Gráfico 6 - Estratos de área das unidades produtivas estudadas.....	44
Gráfico 7 - Participação dos Rebanhos nas unidades produtivas.....	54
Gráfico 8 - Consumo de alimentos provenientes da caça e pesca nas unidades estudadas.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Relação da idade e nível de escolaridade dos entrevistados (as).....	35
Quadro 2 -	Divisão social do trabalho na unidade familiar.....	43
Quadro 3 -	Produção e destino dos produtos cultivados nas unidades familiares.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDAPP - Centro Diocesano de Apoio ao Pequeno Produtor

CEPFS - Centro de Educação Popular e Formação Social

CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

EJA - Ensino de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFPE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

IPA - Instituto Agrônomo de Pernambuco

NEPPAG AYNI - Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia

ONG - Organização não Governamental

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PSF - Programa Saúde da Família

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	PERCURSO METODOLÓGICO.....	17
2	O CAMPE SINATO (R)EXISTE EM MEIO AO CAPITALISMO.....	20
3	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	24
3.1	BREJINHO – PE: ASPECTOS FÍSICOS, SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS.....	24
3.2	COMUNIDADE CALDEIRÃO: LÓCUS DA PESQUISA.....	26
3.3	A COMUNIDADE ONTEM: MEMÓRIAS DO LUGAR.....	30
4	DINÂMICAS DESENVOLVIDAS PELOS CAMPONESES(AS) PARA ASSEGURAR SUA REPRODUÇÃO SOCIAL E MODO DE VIDA CAMPONÊS.....	34
4.1	PERFIL E CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA.....	35
4.2	AS PRÁTICAS PRODUTIVAS E CULTURAIS DESENVOLVIDOS NAS UNIDADES FAMILIARES.....	39
4.3	O PROCESSO ORGANIZACIONAL DA COMUNIDADE E OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE.....	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
	REFERÊNCIAS.....	63
	APÊNDICE.....	65

1 INTRODUÇÃO

Nas ciências sociais, assim como acontece em outras ciências, os fatos são descritos, transcritos e marcados conforme seu aparecimento ou desaparecimento. No que tange ao campesinato, este tipo social foi rotulado como “destinado ao fracasso e desaparecimento” pelas teorias clássicas marxistas em função da inserção do capitalismo no meio rural, através do processo de modernização da agricultura, ocorrido na Inglaterra, Rússia e Alemanha (BOSETTI, 2012).

Nessa perspectiva, o processo de modernização da agricultura não ocasionaria apenas modificação no modo de produção, mas profundas alterações no modo de viver da população rural, de modo que, inevitavelmente, os sujeitos do campo abririam mão do seu modo de vida para atender as demandas impostas pelo sistema capitalista.

De fato, tal processo causou grandes interferências nos territórios e vida dos camponeses em diversas sociedades. No contexto brasileiro, Graziano Neto (1985) avalia que:

[...] a chamada modernização da agricultura não é outra coisa, para ser mais correto, que o processo de transformação capitalista da agricultura, que ocorre vinculado às transformações gerais da economia brasileira recente (GRAZIANO NETO, 1985, p. 27).

Para Teixeira (2005) a ampliação da área produtiva, juntamente com o aumento na produção agrícola e elevação da economia, impactos ambientais, concentração fundiária, subempregos sazonais, desemprego e êxodo rural são algumas das transformações observadas no meio rural no contexto da modernização agrícola.

No que se refere ao Nordeste, esse processo se apresentou de maneira desigual, inclusive, entre as microrregiões dos próprios estados. Essa desigualdade se deu através das políticas agrícolas modernizantes que privilegiaram as matérias-primas para indústria, tais como: cacau, cana-de-açúcar, soja, laranja e café (KOURI; SANTOS, 1999), além de frutas para exportação, uma vez que tais produtos, em sua maioria, eram produzidos pela elite rural.

No entanto, apesar dessas alterações ocorridas no campo, a existência e reprodução camponesa não foram aniquiladas, pois muitos camponeses que ficaram à margem desse processo continuaram a desenvolver suas atividades produtivas e o modo de vida camponês (SABOURIN, 1999; CARVALHO, 2015).

Em outras palavras, o campesinato está inserido no capitalismo, ele se reproduz seja pela própria contradição do capital, seja pela luta política em busca da propriedade de terra. A

questão é que os camponeses, enquanto parte desse modelo de produção, têm se deparado com novos fenômenos econômicos, sociais e culturais e, por isso, têm traçado novas estratégias de trabalho, produção e reprodução para permanecer no campo (NASCIMENTO ROSA; STACCIARINI, 2014). Diante disso, as comunidades rurais têm desenvolvido tanto relações mercantis como não mercantis e mantido práticas culturais e de reciprocidade, readaptadas para a nova realidade camponesa (SABOURIN, 1999).

Quando observamos a realidade de Pernambuco nota-se que de 281.682 das propriedades rurais existentes, 232.611 são propriedades da chamada agricultura familiar (IBGE, 2017), isso significa que aproximadamente 83% desses sujeitos, possivelmente, vivem um modo de vida camponês.

Diante desse contexto, partimos do pressuposto, que apesar dos avanços do capitalismo, os(as) camponeses(as) desenvolvem diversas estratégias para permanecer no campo e manter seu modo de vida e permanência no campo, apesar de não ser possível se desprender completamente da lógica capitalista.

Nesse sentido, o presente trabalho busca investigar essas problemáticas no contexto de uma comunidade rural do semiárido pernambucano. Assim, o estudo parte das seguintes questões orientadoras: quais as dinâmicas desenvolvidas pelos camponeses (as) na comunidade Caldeirão, Brejinho/ PE, para assegurar sua reprodução social e modo de vida camponês? Como os(as) camponeses(as) se articulam para manter sua autonomia e relações não capitalistas de produção?

A justificativa para estudar esse município se encontra no fato de que a pesquisadora nasceu e cresceu nesta comunidade, vivenciando uma prática camponesa. Porém, como as ações faziam parte do seu cotidiano elas eram naturalizadas. O estranhamento e curiosidade em compreender as motivações por trás de tais comportamentos vieram com o passar do tempo.

Inicialmente com a inserção no curso técnico de agropecuária do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, na qual a pesquisadora não se identificava com as técnicas estudadas. Na época, ela não conseguia compreender que não estava sendo qualificada para assessoria técnica de camponeses(as), mas para atuar no agronegócio.

Felizmente, após a conclusão do curso teve a oportunidade de trabalhar com Organizações Não Governamentais- ONG's com assessoria técnica voltada para agricultura familiar e convivência com a realidade semiárida. Nessa época algumas inquietações foram sendo cravadas em relação à falta de incentivo e fortalecimento da agricultura familiar no contexto da comunidade Caldeirão. Daí que surgiram as primeiras intervenções na

comunidade através de um projeto elaborado e executado pela pesquisadora e sua irmã com o apoio do Instituto SEMEAR.

Todavia, foi após ingressar na universidade que a pesquisadora consolidou o desejo de pesquisar sobre o modo de vida camponês. Logo, acredita que a compreensão do modo de vida camponês se faz necessário tanto para os interesses dos camponeses e comunidade, bem como do poder público na elaboração de políticas públicas e ações para o fortalecimento da agricultura local adequadas para à realidade dos camponeses(as) e para a sociedade como um todo, pois a forma com que se organiza a produção camponesa é um espelho para vislumbrarmos o futuro.

Dessa maneira, a pesquisa tem como objetivo geral analisar as dinâmicas desenvolvidas pelos camponeses(as) na comunidade Caldeirão, Brejinho/ PE, para assegurar sua reprodução social e o modo de vida camponês. Para alcançar esse objetivo, definimos os seguintes objetivos específicos: a) conhecer o contexto histórico da comunidade Caldeirão, Brejinho/ PE tanto do ponto de vista dos documentos oficiais quanto dos relatos que circulam na comunidade; b) compreender as práticas culturais e estratégias produtivas desenvolvidas pelas famílias na comunidade; c) mapear as relações de sociabilidade e reciprocidades existentes na comunidade.

A metodologia adotada é de caráter qualitativo, realizada a partir da observação participante e realização de entrevistas semi-estruturadas, contendo questões sobre os aspectos organizacionais da comunidade, socioeconômicos, produtivos e culturais vivenciados pelos (as) camponeses (as) na comunidade.

A presente pesquisa está estruturada em cinco sessões. A primeira sessão traz uma breve reflexão acerca da problemática e/ou temática estudada e os caminhos percorridos.

A segunda sessão apresenta o referencial teórico e procura apontar questões essenciais para o entendimento dos leitores quanto às discussões sociológicas sobre a existência e resistência do campesinato em meio ao capitalismo.

A terceira sessão exhibe a caracterização da área de estudo. Inicia com a apresentação dos aspectos históricos, físicos e socioeconômicos do município de Brejinho- PE e finaliza com a caracterização da comunidade do estudo empírico.

A quarta sessão demonstra os resultados da pesquisa empírica. Explicita o perfil das envolvidas e envolvido no estudo, às práticas produtivas e culturais desenvolvidas por elas (e ele) nas unidades familiares e o processo organizacional e os espaços de sociabilidade como elementos estruturantes da vida social na comunidade.

A quinta, e última sessão, expõe algumas considerações finais sobre as dinâmicas desenvolvidas pelos camponeses (as) de Caldeirão para assegurar sua reprodução social e modo de vida.

1.1 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico adotado nessa pesquisa é de caráter qualitativo. O primeiro passo foi constituído pelo levantamento bibliográfico no Google acadêmico, bancos de teses e dissertações de universidades visando delimitar a literatura e estudos sobre o campesinato. As palavras chaves utilizadas foram: Economia camponesa; sociologia; Brasil; campesinato; sociologia; Sertão Pernambucano e agricultura camponesa; capitalismo; Sertão Pernambucano.

Dos resultados encontrados utilizamos o artigo “O camponês no olhar sociológico: de fadado ao desaparecimento à alternativa ao capitalismo”, do autor Bosetti (2012); o trabalho “Camponês e campesinato: contribuições teóricas de uma evidência empírica no Brasil” de Carvalho (2015) e o texto intitulado “Será que existem camponeses no Brasil?”, de Sabourin (2009) que foram essenciais para o entendimento sobre o campesinato e discussões acerca desta temática no campo da sociologia.

Posteriormente, outras referências foram sendo acrescentadas ao trabalho, tais como: Guzmán e Molina (2013); Oliveira (1991; 2001); Shanin (2008), Wanderley (1996; 2015) e Nabarro (2021) que foram importantes para compreensão da evolução discursiva acerca do tema e do conceito de modo de vida camponês. Somada a elas, usamos para a caracterização da área de estudo os dados apresentados no IBGE (2017); na dissertação de Silva (2015) “Pluriatividade e Sustentabilidade em Comunidades do Semiárido Nordeste”; na monografia de Nóbrega (2017) “Grupos de mulheres Art’s Barro de Brejinho- PE: o enfrentamento a pobreza e a luta por um espaço de inclusão social pelo trabalho e o livro “Brejinho, uma estrela que brilha na nascente do Pajeú” da autora Gomes (2017).

O segundo passo consistiu na obtenção dos dados empíricos. Primeiramente, elaboramos os dois roteiros de entrevistas, sendo um para contextualização histórica com pessoas chaves, especialmente mais idosas, para aquisição de informações sobre como era a comunidade antigamente e outro para as entrevistadas direcionadas tanto as estas pessoas como as demais da localidade para compreensão das dinâmicas de reprodução social e modo de vida camponês desenvolvidas na referida comunidade.

A elaboração do roteiro é de suma importância na realização das entrevistas devido seu caráter norteador. Segundo Colognese e Mélo (1998, p.147), “o roteiro deve ser exaustivo e conter todas as perguntas e tópicos considerados aprioristicamente relevantes, com objetivo de orientar os rumos das entrevistas”. Os roteiros que construímos foram compostos por perguntas voltadas aos aspectos organizacionais da comunidade, socioeconômicos, produtivos e culturais, sendo um roteiro formado por perguntas mais gerais e o outro por perguntas pensadas e organizadas por eixos temáticos (vê apêndice 1 e 2).

Em seguida, realizamos as entrevistas semi- estruturadas com 01 camponês e 11 camponesas, seguindo as questões pré- definidas no roteiro, mas acrescentando conforme a necessidade de compreender melhor as informações descritas por elas (e ele) acerca dos aspectos pesquisados. Preferimos entrevistar as mulheres por conta da acessibilidade, já que elas têm mais participação ativa nas atividades organizacionais, e também pelo desejo de aprofundar as discussões sobre gênero dentro das comunidades camponesas.

Optamos pela entrevista como técnica de coleta de dados por considerar adequada para atingir o objetivo aqui proposto, tendo em vista que:

A entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (SELLTIZ, 1967 *apud* GIL, 2008, p.128).

As entrevistas foram realizadas entre os meses de fevereiro e abril de 2022. Todas as informações foram registradas através de gravação. Logo após, fizemos as transcrições, pois a análise da gravação em áudio torna a codificação mais complicada.

Além disso, considerando que a pesquisadora é membro integrante da comunidade estudada, foi efetuada a pesquisa participante (BRANDÃO, 1988) através de observações e anotações no diário de campo durante todo o período de coleta de dados e a priori. A pesquisadora nasceu e cresceu na comunidade estudada vivenciando uma prática camponesa e desde 2014 vem desenvolvendo atividades junto à comunidade. Logo, acredita que não precisa deixar de ser camponesa para ser pesquisadora, porém entende os conflitos que essa condição propícia para as reflexões.

Após a coleta, os dados foram sistematizados à luz da análise de conteúdo formulada por Bardin (1977), o qual aponta que os dados devem ser tabulados, categorizados e analisados. Para tal, foram usados os programas Word e Excel na sistematização dos dados da pesquisa.

Para nortear na descrição e análise dos dados empíricos, recorreremos à monografia “Estratégias de Reprodução Social e Econômica em pequenas unidades produtivas rurais: o caso dos bairros Alta/Córrega da Onça no município de Presidente Prudente (SP) da autora Donaton (2013); ao trabalho de Heredia (2013) “A morada da vida trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil” e novamente a Sabourin (2009) com o trabalho “Camponeses do Brasil entre a troca mercantil e a reciprocidade”.

É cabível destacar que os nomes utilizados são fictícios para preservarmos a privacidade e identidade das entrevistadas e do entrevistado que participaram da pesquisa.

2 O CAMPESINATO (R)EXISTE EM MEIO AO CAPITALISMO

A teoria do desaparecimento do campesinato foi formulada inicialmente por Karl Marx no século XIX e, posteriormente, teve continuidade por Lênin e Kautsky. A tese ganhou grande visibilidade no campo acadêmico devido ao processo de industrialização/modernização da agricultura, vivenciado na Inglaterra, Rússia e Alemanha em diferentes momentos, que significativamente contribuiu para a diminuição da população do campo e, por conseguinte, do campesinato (BOSETTI, 2012). Diante desse contexto, os respectivos teóricos defendiam que a entrada do capitalismo no campo, por meio do processo de modernização da agricultura, poderia levar ao fim do campesinato e, automaticamente, do modo de vida camponês.

Para Marx (1996 apud CARVALHO, 2015, p. 04) “Na esfera da agricultura, a grande indústria atua de modo mais revolucionário, à medida que aniquila o baluarte da velha sociedade, o ‘camponês’, substituindo-o pelo trabalhador assalariado”. Marx, portanto, fez uma leitura dos acontecimentos no campo a partir do entendimento de classe social, defendendo que o camponês forçadamente abriria mão da sua dinâmica familiar em decorrência do processo de industrialização do campo, na qual, o camponês se tornaria proletário rural.

Na visão de Lênin (1985), não existia lugar para o camponês na sociedade capitalista.

Em suma:

O campesinato antigo deixa de existir, se destrói, é inteiramente substituído por novos tipos de população rural que constitui a base de uma sociedade dominada pela economia mercantil. Os novos tipos são a burguesia e o proletariado rural (LÊNIN, 1985 apud BOSETTI, 2015, p.07).

Para Kautsky (1980) a agricultura sofreria uma modificação no sistema produtivo semelhante ao que estava acontecendo na indústria, sendo o intuito a especialização produtiva e centralização do capital. “Essa lógica aplicada à agricultura, levaria o campesinato ao ‘desaparecimento’ tal como havia acontecido com os artesãos diante do desenvolvimento do sistema fabril” (KAUTSKY, 1980 apud BOSETTI, 2015, p. 05).

Em contrapartida as ideias apresentadas pelos autores acima, Chayanov (1974) defendia que:

O modo de produção capitalista era predominante, mas não único o que, por seu turno, implica que a economia camponesa deveria ser tratada como um sistema econômico próprio não capitalista, com análises e parâmetros diferentes dos habituais (CHAYANOV, 1974 *apud* CARVALHO, 2015, p. 08).

O que implica dizer que, para ele, a agricultura tinha que ser olhada por outro ângulo em que os fenômenos no campo não fossem pensados exclusivamente em termos de capital e os outros tipos de economia não capitalistas consideradas como invisíveis.

As ideias construídas por Marx, Lênin e Kautsky não foram confirmadas, o campesinato não desapareceu. Já a ideia apresentada por Chayanov sobrevive até os dias e é fundamental para a compressão que o campesinato devolve suas próprias maneiras de existir e resistir. Acerca dessa afirmação, autores como Guzmán; Molina (2013) e Carvalho (2015) defendem que:

O campesinato sempre existiu e sempre vai existir; que ele encontra formas de cooperação e cria espaço próprio dentro do modo de produção no qual se produz e reproduz. Portanto, a tese do “fim do campesinato” não tem fundamentação, serve apenas de instrumento de luta ideológica para justificar o modelo dominante de produção agrícola (GUZMÁN; MOLINA, 2013, p. 10)

O campesinato não é simplesmente uma forma ocasional, transitória, fadada ao desaparecimento, mas ao contrário, trata-se de um sistema econômico sobre cuja existência é possível encontrar as leis de sua própria reprodução e desenvolvimento (CARVALHO, 2015, p.08).

Nessa perspectiva, autores como Wanderley (1996; 2015), Shanin (2008), Sabourin (1999; 2009), Oliveira (1991; 2001) e Nascimento Rosa e Stacciarini (2014) têm desenvolvido trabalhos que vão para além do apontamento da existência do campesinato em meio ao sistema de produção capitalista no Brasil, mas evidenciando a necessidade de estudar o modo de vida camponês para que possamos aprender com eles a viver e resolver com criatividade os problemas causados pela insustentabilidade do sistema de produção capitalista que afeta toda a sociedade.

Para Oliveira (2001, p.185) “o camponês não é um sujeito social de fora do capitalismo, mas um sujeito social de dentro dele”. Para ele, essa existência do campesinato no território brasileiro se dá mediante a própria contradição do sistema capitalista. No entendimento de Wanderley (2015, p. 27), a existência do campesinato no Brasil já é algo consolidado, porém é necessário “compreender, em cada caso, as estratégias – fundiárias, produtivas e familiares” existentes, ou seja, o modo de vida camponês e as suas especificidades. Corroborando com ela, Shanin (2008, p. 28) evidência:

Precisamos estudar os camponeses não só para ajudá-los, mas para nos ajudar. Nós não temos que ensinar aos camponeses como viver, nós é que temos que aprender com eles como viver e como resolver problemas nos quais a maior parte da população está envolvida. Especialmente aprender a partir da criatividade e multiplicidade de respostas dos camponeses em situações de crise e de sua capacidade para usar a família como instrumento para se defender de calamidades.

A necessidade de estudar a economia camponesa é apresentada também por Wanderley (1996, p. 03), justificada pelo fato de que a economia camponesa apresenta particularidades que a especificam no interior do conjunto maior da agricultura familiar e que dizem respeito aos objetivos da atividade econômica, às experiências de sociabilidade e à forma de sua inserção na sociedade global. Esse último aspecto é discutido também por Sabourin (1999, p. 41), a qual defende que:

Nas comunidades rurais existe a permanência de prestações econômicas não mercantis e o manejo comunitário de bens ou recursos coletivos no marco de uma integração parcial ao mercado (SABOURIN, 1999).

Nesse tocante, Nascimento Rosa e Stacciarini (2014) apontam que o campesinato, enquanto tipo social integrante do capitalismo, tem se deparado com novas condições econômicas, sociais e culturais e desenvolvido estratégias de trabalho, de produção e reprodução social. Já para Sabourin (1999), estas práticas são desenvolvidas, sobretudo, no sertão nordestino devido à invisibilidade da produção camponesa perante as políticas e projetos de desenvolvimento local, inclusive, pela falta de apoio às associações comunitárias e cooperativas e manejo das infraestruturas comunitárias.

É importante deixar claro que o campesinato do qual estamos nos referindo neste trabalho não está independente ou desconectado do sistema global. Estamos considerando que ele está atrelado a esse sistema, sob variadas formas. Nesse sentido, o desafio atual da sociologia tanto do ponto de vista reflexivo como metodológico é compreender o modo de vida camponês dentro da economia capitalista.

O entendimento de modo de vida utilizado aqui se assimila as ideias externadas pelo sociólogo Sorokin (1889; 1968 apud Nabarro, 2021) de que o modo de vida é um produto da cultura e está associado ao convívio social, isto é, costumes, formas de interação, de agir, pensar e viver.

Para retratar sobre o modo de vida camponês pedimos emprestado o conceito na geografia, formulado por Suzuki (2013) que diz:

Poderíamos redefinir modo de vida pela forma como os moradores percebem, vivem e concebem o espaço, mediados pelo conjunto de suas práticas cotidianas e por sua história, posição que ocupam na sociedade envolvente e forma específica que assegura a sua reprodução social, constituindo-se no modo pelo qual o grupo social manifesta sua vida. (...) O modo de vida se realiza, então, a partir de dimensões materiais e imateriais, como forma de apropriação e de reprodução das relações sociais em que se inserem os sujeitos, definindo práticas territoriais, com produção de territorialidades e territórios, relacionados, assim, à sociedade e à natureza (SUZUKI, 2013apud NABARRO, 2021, p.30).

Para o autor só considerando essas duas dimensões (materiais e imateriais) para compreender o modo de vida e a relação de pertencimento dos sujeitos com o espaço a qual estão inseridos. Sobre isso, Benfica, Carvalho e Witkoski (2019) enfatizam que:

A racionalidade camponesa detém o material, o imaterial, e não visa exclusivamente à obtenção de lucro. Em um viés material, são realizadas a produção e a comercialização de mercadorias para o abastecimento familiar, a reprodução econômica da família e a troca de bens entre os indivíduos. Em um viés imaterial, destaca-se o etnoconhecimento, a troca de saberes entre os indivíduos, a conservação da biodiversidade, a religiosidade, as crenças, os mitos, entre outros (BENFICA; CARVALHO; WITKOSKI, 2019, p. 14).

Nascimento Rosa e Stacciarini (2012, p.9) ao estudarem a comunidade Ribeirão-GO, argumentam que essas dimensões são fundamentais na construção da identidade camponesa. De igual modo, na visualização do “seu modo de ser e de viver como condição para sua autonomia, com potencialidade econômica, política e ideológica, perante as relações capitalista de produção”.

Para os autores, essa autonomia relativa se manifesta através da maneira como eles estão organizados em suas terras e em comunidade e também mediante a forma de gestão do tempo, recurso e espaço que são divergentes da lógica capitalista.

Em suma, o campesinato está longe de desaparecer “[...] ele não só continua presente, como pode representar uma forma alternativa ao modelo produtivista hegemônico” (Bosetti, 2016, p. 143). Este, por sua vez, respeita o tempo da natureza, os modos de vida e os conhecimentos- outros.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

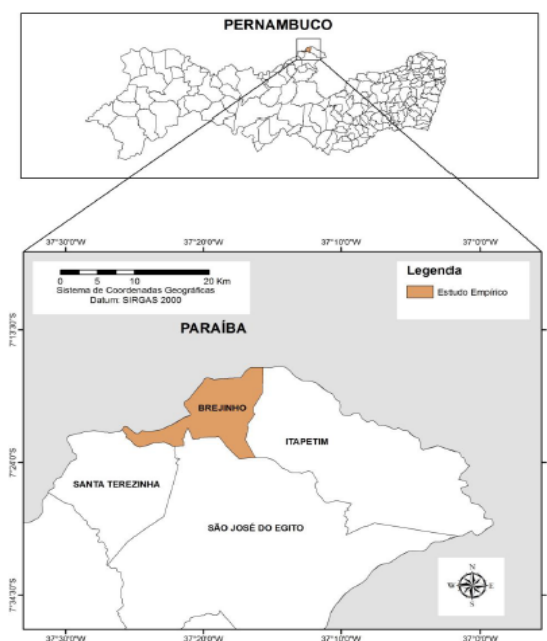
3.1 BREJINHO – PE: ASPECTOS FÍSICOS, SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS

“Tenho orgulho demais por ser de onde
 Nasce o rio que vai pro Velho Chico,
 Aonde quer que eu vá eu nunca fico,
 Pois distante daqui meu eu se esconde.
 Como o rio que nasce lá na serra
 Eu só vivo se for por essa terra,
 Minha casa meu berço, encanto e ninho.
 Como prova do amor que me consome
 Mato até um bocado da minha fome
 Quando digo ser filho de Brejinho”.

Gislândio Araújo

O município de Brejinho/PE está localizado na Microrregião Sertão do Pajeú; limita-se ao norte e ao oeste com o Estado da Paraíba, ao sul com os municípios de São José do Egito e Santa Terezinha e a leste com Itapetim (Mapa 1). Abrange uma área territorial de 106,275 km² e uma população estimada de 7.489 habitantes, dos quais 3.921 residem na área rural (IBGE, 2017).

Mapa 1 - Localização geográfica do Município de Brejinho – PE



Fonte: Arquivo SHAPE- IBGE, 2000. Elaboração SILVA, 2014.

O nome Brejinho se deu em decorrência da existência de um baixio na estrada ao sul da sede municipal em que durante os períodos de seca as pessoas da localidade e de outros locais cavavam cacimbas para abastecer as suas residências. Com o passar do tempo, essas mesmas pessoas passaram a se dirigir a aquele lugar como Brejinho em alusão a brejo, a lugar frio e úmido, que tem água no solo ou no subsolo raso, posteriormente tornou-se o nome da cidade (NÓBREGA, 2017).

Geologicamente, está situado na unidade geoambiental Depressão Sertaneja, representativa da paisagem típica do semiárido nordestino, caracterizada por uma superfície de pediplanação bastante monótona, relevo predominantemente suave-ondulado, cortada por vales estreitos, com vertentes dissecadas. A vegetação é basicamente composta por Caatinga Hiperxerófila com trechos de Floresta Caducifólia. O clima é do tipo Tropical Semiárido, com chuva de verão. O período chuvoso se inicia em novembro com término em abril, sendo a precipitação média anual de 431,8 mm (CPRM, 2005).

O município abriga em seu território a nascente do rio Pajeú, situada na serra do Balanço a uma altitude de 800 metros entre os estados de Pernambuco e Paraíba (CBHSF, 2013), porém os cursos de água existentes no mesmo são intermitentes. Sendo assim, as principais fontes de abastecimento hídrico na zona urbana consistem nos açudes da Serraria e Serrinha. Para o uso doméstico e criação animal, as comunidades rurais contam com os pequenos açudes, tanques de pedras e poços escavados (chamados também de cacimbas). Nos últimos anos, as cisternas de placas se tornaram uma importante fonte hídrica para o consumo humano. No tocante à produção de alimentos, o município apresenta um grande déficit em tecnologias de armazenamento de água para produção (SILVA, 2015).

No que tange à questão econômica da população, a principal fonte de renda são provenientes do emprego do setor público, incluindo efetivos e contratados, programa bolsa família (substituído pelo Auxílio Brasil), comércio, prestação de serviços, aposentadoria rural e atividades na agricultura e pecuária (NÓBREGA, 2017).

Dentre as atividades agropecuárias, destacam-se a criação de bovinos, suínos, caprinos, ovinos e aves (incluindo a produção de frango de corte em integração com a indústria de beneficiamento do produto) e as culturas de sequeiro: milho, feijão de corda, fava, batata doce e macaxeira e a cultura do caju (SILVA, 2015; IBGE, 2010).

Na área da cultura popular, nos anos de 2013 e 2014 ganhou bastante visibilidade a cultura da poesia mediante o evento: “**sexta da cultura**” realizado na última sexta de cada mês. Também tem grande notoriedade a tradicional festa de São Sebastião comemorada no mês de janeiro que são aproximadamente quinze dias de festa no “barracão” com

apresentação dos artistas locais e mais três dias de festa organizada pela gestão municipal com participação de grandes atrações musicais, barracas e parque de diversão. Nessa época do ano vem conterrâneos de várias regiões para visitar os familiares, dançar o tradicional forró e saborear as comidas típicas da região (GOMES, 2017).

Acontece também anualmente no município a festa do caju², no povoado de Lagoinha, e a festa do dia 31 de maio, também conhecido como “derradeiro de maio³”, em Vila de Fátima.

Atualmente, Brejinho é um município formado pela sede, três povoados: Placas de Piedade, Lagoinha e Ambó; três vilas: Vila de Fátima, Vila Mariana e Matadouro/Boa Vista e vinte e sete sítios/comunidades (GOMES, 2017), dentre eles Caldeirão.

3.2 COMUNIDADE CALDEIRÃO: LÓCUS DA PESQUISA

A comunidade Caldeirão dista, em média, 08 km a oeste da sede do município e o acesso a ela é feito por estrada vicinal. Segundo Silva (2015) a mesma adquiriu esse nome em virtude da quantidade de caldeirões (tanque de pedras) existentes no local (Fotografia 1).

Fotografia 1 - Caldeirão no período chuvoso.



Foto: Aucilene Rodrigues, em Março/2022.

2 A denominação “Festa do caju” se deu em decorrência da cultura do caju bastante presente na região.

3 O “derradeiro de maio” em virtude do encerramento das novenas do mês mariano.

A comunidade é composta por famílias camponesas, na qual muitas delas associam atividades agrícolas com atividades não-agrícolas para complementação da renda familiar. Dentre as atividades não-agrícolas desenvolvidas destacam-se o pequeno comércio de bebidas (bares) e a prestação de serviços como costura, moto táxi/ taxista, cuidador de idoso e atividades na construção civil.

Na localidade não existe escola (ativa). As crianças precisam se deslocar, aproximadamente 5 km até o sítio Mussambê que conta com a Escola Municipal Severino de Oliveira Leite (Fotografia 2) que atende a alfabetização e o ensino fundamental I. O deslocamento acontece através do transporte oferecido pela Prefeitura Municipal de Brejinho, no entanto, alguns pais optam por levar e buscar as crianças de moto.

Fotografia 2 - Escola Municipal Severino de Oliveira Leite, em Mussambê



Foto: Aucilene Rodrigues, em Março/2022.

O prédio que funcionava a escola que existia na comunidade é utilizado para os encontros da associação comunitária, para as festividades (dia das mães e das crianças) e atividades coletivas, tais como: vacinações de crianças e idosos, dos animais (gato e cachorro), exames de vista dentre outras atividades em prol da população (Fotografia 3).

Fotografia 3 - Grupo escolar de Caldeirão utilizado para os encontros comunitários

Foto: Aucilene Rodrigues, em Março/2022.

A comunidade conta com uma agente comunitária de saúde, (J. L. dos Santos), que atende as comunidades de Caldeirão e Lagoas dos Campos, prestando atendimento como verificação de pressão (quando solicitado), orientações sobre pré-natal para as gestantes, divulgação sobre campanhas de vacinação, dentre outras funções. Quando as famílias necessitam de atendimento médico, se deslocam para Vila de Fátima, que fica a cerca de 05 km da comunidade, para serem atendidas pelo Programa Saúde da Família - PSF ou se deslocam para a cidade de Brejinho-PE.

A referida comunidade não dispõe de sistema de esgotamento sanitário. Muitas das famílias ainda não têm banheiro em casa e quando tem, utilizam fossa séptica simplificada como forma de esgotamento sanitário. No entanto, vale destacar que a comunidade dispõe de 1 (um) Banheiro Seco Ecológico⁴ (Fotografia 4) implementado pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE através do Núcleo de Educação, Pesquisa e Práticas em Agroecologia e Geografia – NEPPAG AYNÍ em 2021, construído como unidade experimental na casa de uma das camponesas entrevistadas. A expectativa é que futuramente possa ser ampliado o número de famílias beneficiadas com essa tecnologia social na comunidade.

4 O Banheiro seco é uma alternativa de saneamento ambiental que utiliza, na descarga, matéria orgânica ao invés de água e os dejetos são tratados, no local, pelo processo de compostagem que, quando bem executado, elimina os agentes patogênicos contidos nos dejetos e evita a contaminação do solo e do lençol freático como acontece nos sistema de fossas (ESREY e AL.,1998).

Fotografia 4 - Banheiro Seco Ecológico na Unidade Experimental de Caldeirão

- 1 - Infraestrutura do banheiro seco.
- 2 - Instalação do mictório e assento sanitário.
- 3 - Pó de Serra utilizado para descarga dos dejetos.

Foto: Aucilene Rodrigues, em março/2022.

Por fim, cabe destacar que no Caldeirão praticamente todas as famílias têm acesso à internet via rádio (Fotografia 5). Sendo que em 2020, em decorrência da pandemia pelo novo coronavírus, várias famílias tiveram que contratar esse serviço para atender às demandas educacionais. Cabe destacar que a despesa com esse serviço é custeada pelas próprias famílias.

Fotografia 5 - Instalação de internet via rádio na comunidade Caldeirão



Foto: Aucilene Rodrigues, em Abril/2022.

3.3 A COMUNIDADE ONTEM: MEMÓRIAS DO LUGAR

Utilizamos a definição comunidade, em detrimento de sítio, como é muito difundido oficialmente, por entendermos que comunidade:

(...) Em função de sua história, esta palavra, além de localidade e da proximidade, carrega noções de parentesco, espiritualidade (religiosa) e compartilhamentos de recursos, o que a aproxima do conceito de reciprocidade de forma singular (SABOURIN, 2009, p. 48).

De acordo com os relatos dos camponeses(as) mais idosos da comunidade as famílias mais antigas da comunidade Caldeirão foram: José Correia (Carrinho) e dona Benigna; Francisco Ferreira e Maria Joaquina da Conceição; Alonso e Francisca (dona nega); Antônio João e Maria Joaquina; João Durão e Alzira; Francisco Luiz (Chico Cobra) e Maria Cobra; Severino Rodrigues e Antônia Maria (1º esposa); Antônio Bernardino e Maria Bernardino; João Grande (seu Jota) e Maria José; Francisco da Silva e Joaquina Maria; Manuel Bento e Maria Francisca; José Leite (seu Zezé) e Maria (1º esposa); e Jerônimo e Lourdes. Totalizando o número de 13 famílias pioneiras.

Dessas famílias, algumas migraram para outros locais como a família de José Correia, Francisco Ferreira, Alonso e seu Jerônimo. As demais permaneceram e foram formando laços entre si (especialmente, por casamento, mas também compadrios), formando novas gerações, exceto a família de Manuel Bento, na qual suas filhas Josefa (in memorian) e Regina que continuaram na comunidade e são solteiras.

Nesse sentido, e de acordo com as falas dos interlocutores, os membros da comunidade eram, na maioria, “parentes”. Conforme mencionado por uma das entrevistadas, “Essas pessoas antigas são tudo parente seja primo legítimo, segundo ou terceiro grau, lá de longe, mas se consideram parentes” (CAMPONESA 04, 75 anos). A fala destacada se aproxima do que Sabourin (2009) afirma em seus estudos de que em geral as comunidades camponesas são formadas por laços estreitos de parentescos.

O termo “parente” é bastante recorrente em Caldeirão e representa tanto as relações de consanguinidade ou parentais como delimitação espacial da comunidade. Mas, também, o “parentesco” representa conflito, disputa e rupturas entre parentes, que tem a sua descendência num mesmo ancestral, por questões de partilhas de terras herdadas.

Para Sabourin (2009, p. 51) a origem das comunidades camponesas também está vinculada à religião, constituindo um dos principais valores simbólicos de referência comum. De acordo com o autor, “Para os camponeses, por definição, a ‘comunidade’ é aquela que reúne as ‘famílias que rezam juntas’”. Tal conceito aproximou-se das percepções e vivências relatadas pelos (as) camponeses (as) locais.

Em geral, os membros da comunidade Caldeirão eram adeptos ao catolicismo. A principal líder religiosa na época era dona Maria de Dézio, que organizava e realizava os encontros de preparação para batizado e casamento, rezava às novenas e fazia as recomendações do corpo nos velórios.

Nesse período histórico em que viviam os camponeses, os quais eram praticantes da igreja católica, as novenas correspondiam ao principal evento religioso na comunidade, elas eram realizadas em junho (mês de São João) e no final do ano (próximo ao Natal). Geralmente, aconteciam na casa de Antônio João e Maria Joaquina.

Além desse viés religioso, as novenas eram também espaços de sociabilidade e lazer das famílias. Era nas novenas, ou melhor, após o término delas que os solteiros procuravam suas parceiras, os namorados se reencontravam e os casados se divertiam enquanto ocorria o leilão comunitário. Os itens leiloados eram comidas típicas e/ou produtos oriundos da agricultura local.

Nesses eventos era comum ocorrer o apadrinhamento ao redor da fogueira de São João ou São Pedro, como lembrou uma das camponesas,

Tinha muito batizado de fogueira. O afilhado (a) ficava de um lado da fogueira com a mão direita estendida e o padrinho/ madrinha do outro lado com a mesma mão estendida. E caminhando ao redor da fogueira dizia o ritual do batismo, começando pelo padrinho ou madrinha. Ele/ela dizia:- São João disse e o/a afilhado(a) respondia: - São Pedro confirmou. Na sequência o padrinho/madrinha dizia: - para você ser meu afilhado (a) e ele/ela respondia: - que São João [atribuía ao santo do dia da fogueira] mandou. Fazia isso por três vezes e no final o padrinho/madrinha já abençoava o/a afilhado (a) pela primeira vez ali ao redor da fogueira (CAMPONESA 02, 76 anos).

Conforme mencionado pelos(as) camponeses (as), Caldeirão era um lugar onde as pessoas oravam juntas, compartilhavam sentimentos, saberes e recursos. O principal recurso compartilhado era a água. Na época as famílias não tinham cisterna de placas para armazenamento de água para o consumo, conseqüentemente, a água que elas consumiam durante o período de seca (época em que a água dos caldeirões/ tanques de pedras já havia secado) era de cacimba, cedida por Bonifácio (seu Boné).

Além disso, existia também a partilha de alimentos entre as famílias. Tal prática ocorria em qualquer época do ano, porém na sexta feira da semana santa era “sagrada”. Todas as famílias nesse dia compartilhavam seus alimentos uns com os outros. Geralmente, a entrega dos produtos aos familiares, compadres e vizinhos era realizada pelas crianças.

Nesse período, as famílias tinham como principal atividade econômica, para o sustento de suas famílias, as roças de mandioca, milho e feijão, feitas em broca⁵. Além dessas culturas, plantavam também algodão (*Gossypium hirsutum*) e mamona (*Ricinus communis*), as quais eram vendidas na cidade de Brejinho.

As propriedades em que as famílias trabalhavam variavam entre doze e sessenta hectares de terra. Na produção, as famílias contavam, exclusivamente, com a força de trabalho familiar como frisou a camponesa 05, 70 anos “Eu mesma nunca paguei trabalho não, sempre fui eu e os meninos (as)”. As famílias, na época, eram compostas pelo casal e cerca de cinco a dez filhos.

As atividades coletivas desenvolvidas pelas famílias, isto é, os mutirões⁶ ocorriam basicamente em duas circunstâncias, a saber: na limpeza da cacimba de seu Boné e nas

5 Consiste na eliminação de cipós, árvores e outros tipos de vegetação, para facilitar e melhorar a queima da vegetação.

6 O termo mutirão pode designar dois tipos de ajuda mútua: a que tem a ver com os bens comuns e coletivos (construção ou manutenção de estradas, escolas, barragens, cisternas) e os convites de trabalho em benefício de

farinhadas. Conforme mencionado nas conversas, a fonte de água era um bem comum. Sendo assim, as famílias que se beneficiavam dela se sentiam na obrigação de contribuir no dia da manutenção. No caso das farinhadas, a família que ia realizar a atividade fazia o convite porta a porta aos vizinhos.

As farinhadas, na maioria das vezes, duravam semanas. As famílias que se disponibilizaram a colaborar com a atividade iam se revezando no decorrer das semanas para evitar que os donos da farinha ficassem sem ajuda em algum momento. De acordo com as narrativas, existia a divisão do trabalho, ficando os homens responsáveis por arrancar e carregar, enquanto as mulheres, crianças e idosos por raspar as mandiocas.

Em retribuição a ajuda recebida os donos da farinha ofertavam farinha, beju e goma àquelas famílias que se fizeram presentes. Além disso, eles ficavam com a obrigação moral de colaborar futuramente com aquelas famílias em uma farinha ou em outro trabalho pesado.

Em se tratando de festividade, os principais eventos eram as cantorias, forró de radiola e pé de serra. As cantorias⁷ não tinham um período determinado para acontecer, já o forró de radiola acontecia todo final de semana e os forrós pé de serra, geralmente, ocorriam pelo São João e no réveillon.

Conforme observado nas falas, existia uma diferença entre o forró de radiola e o forró pé de serra. No primeiro caso, era algo mais restrito “era só uma brincadeira das famílias no pé da radiola para se divertir nos finais de semana” (CAMPONÊS 03, 80 anos). No segundo, contava com apresentação de artistas locais e também com a participação de pessoas de outras localidades.

O apadrinhamento de fogueira, a partilha de alimentos e água, as atividades religiosas, não apenas católica, e a prática de mutirão (readaptadas) se perpetuam até os dias atuais. Na próxima seção descreveremos sobre a comunidade hoje, exibindo o modo de vida camponês, suas práticas produtivas e culturais, as relações de sociabilidade e estratégias de reprodução social.

uma família, geralmente, para trabalhos pesados (desmatar uma parcela, fazer uma cerca, construir uma casa...) (SABOURIN, 1999).

⁷ A cantoria é um espetáculo em que dois poetas se enfrentam improvisando versos ao som da viola, dentro de formas poéticas tradicionais e obrigatórias, de acordo com sua própria inspiração e com os pedidos da plateia (TAVARES, 2011).

4 DINÂMICAS DESENVOLVIDAS PELOS CAMPONESES(AS) PARA ASSEGURAR SUA REPRODUÇÃO SOCIAL E MODO DE VIDA CAMPONÊS

“Sou sertaneja da gema
Comigo não tem problema
Se vai chover ou fazer sol
Já andei de jumento e a pé
Comi cuscut com café
Peguei peixe de anzol
Corri no meio das juremas
Atrás de cabrito brabo
Cortei lenha de machado
Mas lhe digo com louvor
Meu sertão tem alegria
Seja noite ou seja dia
Faça frio ou calor”.

Valcilene Rodrigues

Diante da análise dos clássicos, percebeu-se que a “tese do desaparecimento do campesinato” não se confirmou, uma vez que as pequenas propriedades rurais não sumiram com o avanço do capitalismo na agricultura. Guiados pela concepção de Nascimento Rosa e Stacciarini (2014), compreendemos que as unidades familiares possuem uma relativa autonomia em relação ao capital e vão se reproduzindo nessas condições.

Essa reprodução acontece de maneira dinâmica a depender das transformações e adaptações necessárias uma vez que a própria sociedade se desenvolve por meio de um processo desigual e contraditório. Esse processo provoca mudanças e transformações na organização social que força os indivíduos, nesse caso os camponeses, a produzirem suas estratégias de reprodução (DONATON, 2013).

Essas estratégias de reprodução, por sua vez, podem ser compreendidas aqui como sendo respostas dadas às adaptações e peculiaridades da unidade familiar. Assim sendo, entendemos que a reprodução familiar é heterogênea e se adapta às condições econômicas e sociais.

Por esta razão, propõe-se que ela seja analisada em conjunto com os fatores sociais, econômicos e culturais no qual os camponeses estão inseridos, bem como o contexto que ele se encontra.

4.1 PERFIL E CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS DOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

Os envolvidos na pesquisa, com exceção da entrevistada 12, fazem ou fizeram parte da associação comunitária. Estes, em sua maioria, são do sexo feminino, possuem idade entre 24 a 80 anos e nível de escolaridade diferente.

Quando analisado o nível de escolaridade, os dados mostraram que as pessoas com idade entre 70 a 80 anos possuem, no máximo, ensino fundamental I (referente aos anos iniciais) incompleto. Já as pessoas com idade de 36 a 55 anos⁸ possuem ensino fundamental II (referente aos anos finais) incompleto. Com ressalva para a camponesa 06, que possui ensino médio incompleto por ter ingressado no Ensino de Jovens e Adultos- EJA em 2002. As pessoas com idade entre 24 a 36 anos possuíam ensino médio incompleto ou ensino superior.

Verificamos, portanto, uma evolução no grau de escolaridade da população do campo no decorrer dos anos. Conforme o Quadro a seguir:

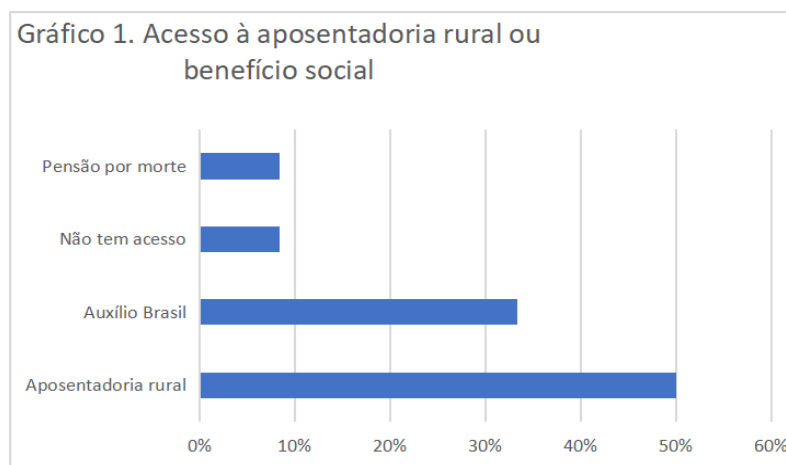
Quadro 1 - Relação da idade e nível de escolaridade dos entrevistados (as)

Entrevistado (a)	Sexo	Idade	Escolaridade
01	F	78 anos	Ensino fundamental I incompleto
02	F	76 anos	Ensino fundamental I incompleto
03	M	80 anos	Ensino fundamental I incompleto
04	F	75 anos	Analfabeta
05	F	70 anos	Ensino fundamental I incompleto
06	F	55 anos	Ensino médio incompleto
07	F	29 anos	Ensino médio incompleto
08	F	36 anos	Ensino fundamental II incompleto
09	F	24 anos	Ensino Superior completo
10	F	53 anos	Ensino fundamental II incompleto
11	F	36 anos	Ensino fundamental II incompleto
12	F	55 anos	Ensino fundamental II incompleto

Fonte: Pesquisa de campo realizada em fevereiro/abril de 2022.

Entre os entrevistados (as), 50% recebem aposentadoria rural, 33% Auxílio Brasil, 8% pensão por morte e 8% não recebem nenhum benefício social (Gráfico 1). Conforme exposto pelos entrevistados, tais benefícios são importantes para as famílias camponesas por consistir em uma renda mensal e também por eles usarem esse recurso no desenvolvimento das atividades agrícolas necessárias na unidade familiar.

⁸ Não foram entrevistadas pessoas com idade entre 56 a 69 anos

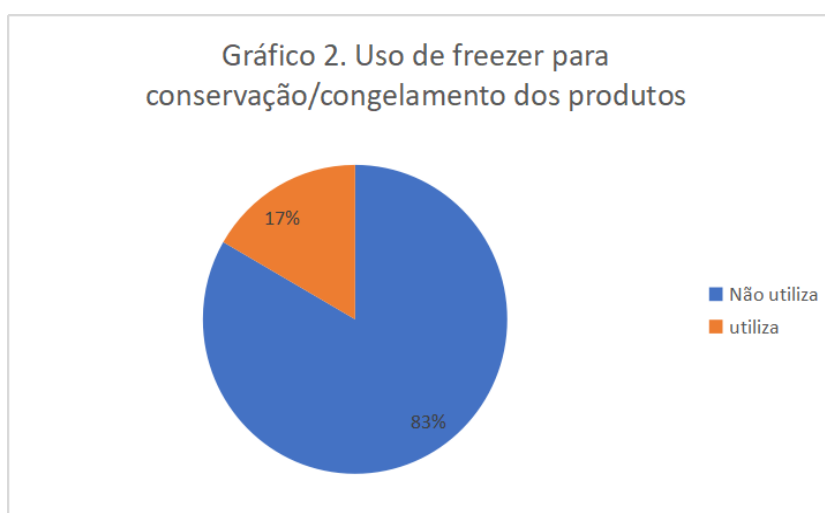


Fonte: Pesquisa de campo realizada em fevereiro/abril de 2022.

No que diz respeito à composição familiar, a pesquisa indicou uma média de 3 a 4 pessoas por unidade familiar. Além disso, demonstrou que as estratégias produtivas das famílias vão sendo traçadas de acordo com a faixa etária de seus membros, sendo que as famílias com maior número de integrantes com idade ativa dispõem de mais mão de obra para o desenvolvimento das atividades agrícolas.

No que se refere à moradia observamos que todas as famílias possuem casas de alvenaria com espaço suficiente para acomodar os membros. Destas, a maioria, tem acesso aos serviços básicos de energia elétrica, internet e abastecimento de água para o consumo humano através das cisternas de placas. Notou-se ainda que, apesar da deficiência em saneamento básico, muitas delas possuem banheiros com fossas sépticas simplificadas.

Em se tratando da utilização de equipamentos para conservação e/ou congelamento dos produtos oriundos da agricultura, apenas 17% das residências dispõem de freezer para armazenamento dos produtos a serem consumidos no período de entressafra (Gráfico 2).



Fonte: Pesquisa de campo realizada em fevereiro/abril de 2022.

Constatamos também a presença de fogões a lenha nas residências, representando uma média de 83%. Esses, geralmente, são feitos nos interiores das residências podendo ser com cerâmica ou reboco de cimento. Os fogões são utilizados tanto para fazer as refeições diárias como para doces, canjica, pamonha, feijoada dentre outras comidas “demoradas” (Fotografia 6), como uma estratégia de economia em relação ao custo alto do “gás de cozinha”.

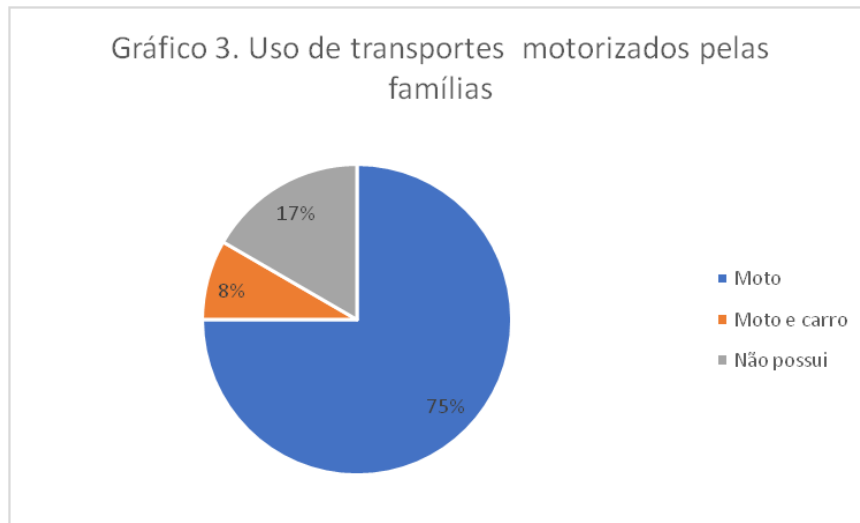
Fotografia 6 - Fogões à lenha observados nas residências.



Foto: Aucilene Rodrigues, em fevereiro/abril de 2022.

Os veículos motorizados também estão presentes nas unidades familiares, representando um percentual de 83% (Gráfico 3). Conforme observado, as motocicletas são bastante comuns nas residências e, na maioria dos casos, são utilizadas no deslocamento para

o trabalho. É comum encontrar professores, zeladores escolares, agente de saúde e camponeses utilizando motocicletas a caminho do trabalho.



Fonte: Pesquisa de campo realizada em fevereiro/abril de 2022.

Verificamos que na comunidade os meios de transportes, os motorizados e os de tração animal são complementares, eles desempenham funções diferentes dentro da unidade familiar (Fotografia 7). Podendo desenvolver também atividades semelhantes, dependendo das peculiaridades de cada ambiente familiar.

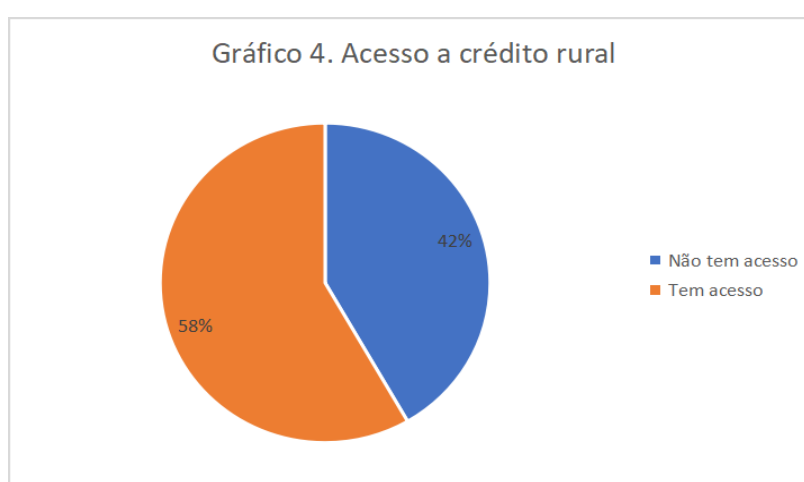
Fotografia 7 - Uso dos meios de transportes na comunidade



- 1 - Motocicleta usada no transporte dos camponeses para atividades de trabalho e lazer.
- 2 - Carroça usada, principalmente, para transportar água de uso doméstico e para os animais, alimentação animal e material de construção, mas usada também como meio de transporte pela família.

Foto: Aucilene Rodrigues, em outubro de 2021/abril de 2022.

Em se tratando do incentivo e fortalecimento da agricultura familiar, a pesquisa mostrou que 58% das famílias pesquisadas têm acesso ao crédito rural através do PRONAF “B” (Gráfico 4).



Fonte: Pesquisa de campo realizada em fevereiro/abril de 2022.

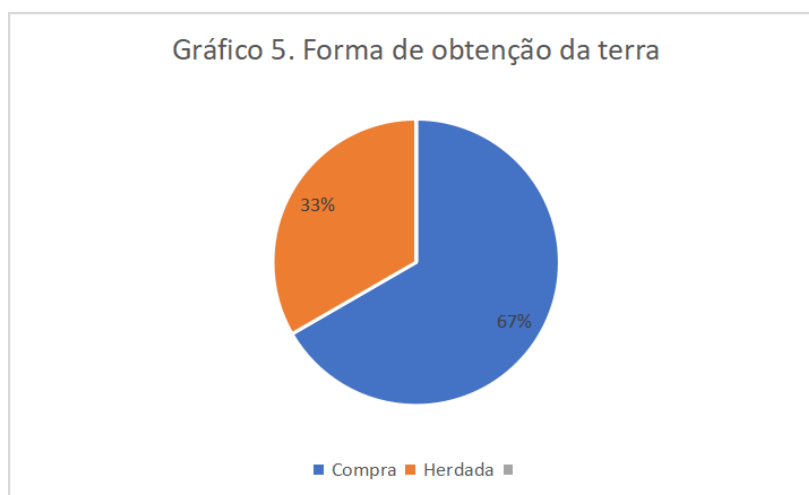
Nesse quesito, identificamos a necessidade de maiores investimentos, especialmente, em assistência técnica, de modo que os camponeses sejam orientados na construção e execução de um projeto produtivo para que os recursos sejam utilizados com planejamento e agreguem na renda dos camponeses.

4.2 AS PRÁTICAS PRODUTIVAS E CULTURAIS DESENVOLVIDOS NAS UNIDADES FAMILIARES

A terra é o principal elemento de reprodução social para os camponeses e, muitas das vezes, é o único meio para satisfazer as suas demandas familiares. Mas, além da função social e econômica, a terra é o lugar de moradia e vida dos camponeses (DONATON, 2013).

Na comunidade estudada, aproximadamente 33% dos entrevistados (as) vivem na propriedade desde o nascimento. Ao analisar os dados, percebemos que, as propriedades em que vivem os camponeses desde o nascimento, são terras herdadas (Gráfico 5). Logo compreendemos a relação simbólica existente entre os camponeses e o espaço físico a qual

estão inseridos e, sobretudo, a colocação de Donaton (2013) de que a terra representa também o lugar de vida dos camponeses.



Fonte: Pesquisa de campo realizada em fevereiro/abril de 2022.

Quando perguntados sobre quanto tempo que ele(a) trabalha na agricultura escutamos quase que por unanimidade as frases: “desde que nasci”, “desde que me entendo por gente” ou “eu quase nasci dentro de um roçado” demonstrando que eles desde muito pequenos desenvolvem atividades agrícolas. Heredia (2013) ao estudar sobre a organização interna de unidades de produção camponesas na Zona da Mata de Pernambuco cita que geralmente as crianças camponesas começam a trabalhar no roçado aos 10 anos de idade.

Aspecto que também observamos nas residências em que existem crianças na sua composição familiar. Estas, do nascimento até os 10 anos, independentemente de sexo, mantêm-se ligadas à esfera da casa. Porém, elas só desenvolvem atividades domésticas entre 6 a 7 anos sob a supervisão da mãe ou outra pessoa adulta.

A partir dos 10 anos as crianças são introduzidas aos trabalhos no roçado.⁹Inicialmente, elas desenvolvem atividades no roçado familiar juntamente com o pai, mãe e irmãos. Nesse período, acontece o processo de reprodução do conhecimento, na qual, as crianças vão sendo treinadas para o desenvolvimento das atividades agrícolas sob os cuidados dos mais velhos.

Após o período de ensinamento, quanto ao uso dos equipamentos e técnicas agrícolas, elas já começam a trabalhar no seu roçadinho. Nesse ponto, Heredia (2013) cita que a

⁹ Cabe ressaltar que essa atividade não se sobressai ao tempo escolar e de lazer.

existência do roçadinho significa que a criança já tem capacidade para desenvolver as tarefas agrícolas e representa uma autonomia relativa.

Movidos por esse pensamento, buscamos averiguar a respeito da finalidade do recurso adquirido com o roçadinho para a criança. A mãe frisou:

Ele está juntando o dinheiro na minha mão, ele quer comprar uma novilha para criação, para vender as crias depois e dobrar o dinheiro. [...] O roçadinho é uma motivação para ele ir trabalhando e comprando as coisas dele. Daqui a pouco a gente não vai poder dar tudo que ele quiser né (CAMPONESA 07, 2022).

Nesse tocante, Heredia (2013) afirma que é socialmente reconhecido que as necessidades de consumo dentro das unidades aumentam conforme a idade dos seus membros, por isso, é natural que os filhos, a partir de certo momento, se dediquem a trabalhar para suprir as suas necessidades.

Presenciamos também que os cuidados com as aves, caprinos e suínos são realizados pelas crianças ou mulheres, independente da criação pertencer ao domínio individual ou familiar (Fotografia 8).

Fotografia 8 - Cuidados com os animais na unidade produtiva



Foto: Aucilene Rodrigues, em fevereiro de 2022.

Já os cuidados com o gado, geralmente, são direcionados aos homens, podendo ser o pai ou filhos maiores. Em situações excepcionais, as mulheres e/ou crianças realizam esse tipo de trabalho. Quando existem vacas no rebanho, normalmente, a ordenha é realizada pelas mulheres na primeira hora do dia.

Por falar no trabalho das mulheres, reparamos que elas são quem cultivam as verduras, legumes e plantas medicinais. Em geral, são cultivadas cebolinha, coentro, tomate cereja, pimenta, pimentão, quiabo e jerimum nos espaços aos arredores de casa. O capim santo, a erva cidreira, hortelã, malva grossa, alecrim e erva doce também são vistos frequentemente nas unidades.

Além do trabalho doméstico, com a criação e cultivos acima citados, as mulheres também trabalham no roçado juntamente com os esposos, filhos e filhas. Testemunhamos duas situações dentro da comunidade: uma em que as mulheres desenvolvem todas as atividades desde a preparação da terra até a colheita e a outra em que elas fazem algumas atividades específicas, tais como: plantar e colher. Em ambas, as mulheres reconhecem as tarefas executadas como parte de seu trabalho e não como uma ajuda aos esposos e filhos.

Com isso, notamos que, diferentemente dos resultados apontados no trabalho de Heredia (2013), o roçado não é um espaço exclusivamente masculino e o espaço doméstico não é, propriamente dito, feminino (Fotografia 9).

Fotografia 9 - Divisão social do trabalho nas unidades produtivas



1- Camponesa preparando a terra para plantio. 2- Criança desenvolvendo trabalho doméstico

Foto: Aucilene Rodrigues, em fevereiro/março de 2022.

Referimos como “propriamente dito”, pois embora tenhamos presenciado nas unidades os homens desenvolvendo atividades domésticas e escutado durante as entrevistas como ocorre à divisão do trabalho, identificamos uma contrariedade já que tanto as mulheres como os homens se referem ao trabalho doméstico feito por eles como ajuda, ficando

subentendido que aquele lugar ou responsabilidade não pertence aos mesmos e que eles fazem na ausência da figura feminina ou em situações peculiares. Essa contradição pode ser observada na fala da entrevistada abaixo:

Aqui eu vou para o roçado também, desde que a gente casou que é assim, faço tudo do plantio à colheita. Amanhã mesmo eu vou catar feijão com ele porque se eu não for, vai se perder. Ele consegue dar conta sozinho não, cici. Quando fulano [filho] morava em casa ele ia também, começou desde pequeno com o bisaquinho dele catando feijão com a gente. Agora somos nós dois, eu vou lhe contar uma coisa já teve tempo dele [esposo] colocar três roças, enquanto tinha sol a gente estava lá na roça quando chegava aqui já estava escurecendo era umas seis horas da noite. Quando chegava, às vezes, ele corria para a televisão e eu ficava aqui na beira do fogo. Agora quando era pela manhã, que muitas vezes eu já deixava o feijão no fogo e chegava já estava preto[ocorre quando a água da panela seca e os grãos na parte de cima ficam escuros], eu ia direto para beira do fogo e ele ia passar a vassoura na casa para me ajudar (CAMPONESA 10, 2022).

De acordo com as explicações fornecidas, a divisão do trabalho ocorre de maneira dinâmica consoante à quantidade de pessoas com idade ativa, calendário agrícola e atividades desenvolvidas na unidade produtiva. A tabela abaixo demonstra como ocorre a divisão do trabalho em uma das unidades estudadas.

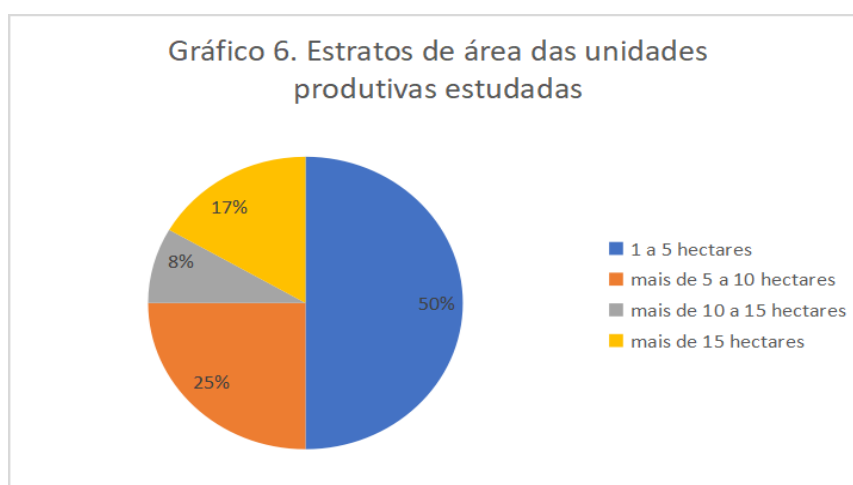
Quadro 2 - Divisão social do trabalho na unidade familiar:

Nome	Parentesco	Idade	Atribuições
Maria	Esposa	36 anos	Atividade fora (zeladora escolar) Agricultura (plantação e colheita do milho/feijão e manejo das frutíferas) Atividades domésticas (geral).
Malaquias	Esposo	24 anos	Atividade fora (agricultura e construção civil) Agricultura (preparação do solo, plantação e colheita, manejo das plantas e animais) Atividades domésticas (limpeza da casa e abastecimento de água)
Miguel	Filho	16 anos	Atividade fora (escolar) Agricultura (plantação, limpeza e colheita do feijão/milho) Atividades domésticas (limpeza da casa e corte da lenha)
Matheus	Filho	15 anos	Atividade fora (escolar e agricultura) Agricultura (plantação, limpeza e colheita do feijão/milho) Atividades domésticas (preparação das refeições)

Nome	Parentesco	Idade	Atribuições
Moisés	Filho	13 anos	Atividade fora (escolar) Agricultura (plantação e colheita do feijão/milho e manejo dos animais) Atividades domésticas (Auxilia na preparação das refeições)
Murilo	Filho	12 anos	Atividade fora (escolar) Agricultura (plantação e colheita do feijão/milho e manejo dos animais) Atividades domésticas (Auxilia na limpeza da casa)

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Retomando a questão da terra, vimos no Gráfico 5 que 33% dos entrevistados vivem em terras herdadas e 67% em terras adquiridas através da compra. Sendo que, na maioria dos casos, os camponeses não possuem terras que lhes permita uma estabilidade econômica, conforme exposto no Gráfico a seguir.



Fonte: Pesquisa de campo realizada em fevereiro/abril de 2022.

De acordo com as instruções Nº 20 do INCRA, no município de Brejinho/ PE, uma propriedade para assegurar a estabilidade econômica para os agricultores deve ter, no mínimo, 40 hectares (SILVA, 2015). O que implica dizer que para garantir sua reprodução eles desenvolvem diversas estratégias, dentre elas: trabalhar em outras propriedades.

Quando averiguamos sobre essa questão, descobrimos por meio das narrativas dos interlocutores que 50% dos camponeses são arrendatários. Conforme conceito do IBGE citado

por Graziano da Silva (1985), arrendatários são pequenos agricultores que pagam uma quantia fixa, em dinheiro ou produtos, ao proprietário da terra.

Por via de regra, na comunidade estudada, os camponeses pagam pelo uso da terra com produtos, sendo acordado o pagamento de 4/1, isto é, a cada quatro sacos produzidos, são três sacos para aquele que produziu e um para o dono da terra. Raramente, se paga com dinheiro. Todavia, isso pode ocorrer no caso do arrendatário não ter lucrado o suficiente para o seu consumo familiar e precisar comprar o milho e/ou feijão posteriormente. Nesse contexto, ele opta por pagar pelo uso da terra com o dinheiro para ficar com o produto, em virtude de saber a procedência do mesmo.

Reparamos que o milho e o feijão são as principais culturas plantadas na área estudada, estando presente em 100% das unidades. Inclusive, constatamos que em algumas situações os camponeses trabalham em outras propriedades para que possam produzir o milho já que em sua propriedade o solo não é adequado por ser arenoso. Como expressado por uma das camponesas:

Nós trabalhamos também lá na casa da avó dele ou na ladeira, na terra do meu irmão, por conta da terra lá ser barro e o pessoal fala que barro é melhor para o milho. Então, a gente entende que por aqui ser areia é melhor para feijão (CAMPONESA 08, 2022).

Outras culturas temporárias (fava, mandioca e melancia) e permanentes (pinha, banana, manga, acerola, goiaba, limão, mamão e maracujá) foram visualizadas nas unidades produtivas. Além delas, vimos também plantas forrageiras, como palma, capim de corte que são utilizadas para alimentação animal.

Habitualmente, as sementes utilizadas são guardadas da colheita anterior para o plantio seguinte em pequenos bancos de sementes individuais (Fotografia 10). A motivação pela qual os camponeses preferem utilizar as sementes advindas da própria colheita, não se limita a economia que isto implica, mas a certeza da seleção cuidadosa das melhores sementes e, conseqüentemente, uma boa produção a ser obtida.

Fotografia 10 - Banco de sementes individual

Foto: Aucilene Rodrigues, em março de 2022 e Aldi Guedes, em 2022.

Foram citados ainda a troca de sementes na feira de saberes, sementes e sabores, o empréstimo e doação de sementes entre os vizinhos e a aquisição por meio do Programa Terra Pronta¹⁰ como mecanismo para garantir uma boa semente para a produção (Fotografia 11). A compra de sementes é algo raro, mas quando ocorre é referente às plantas frutíferas.

¹⁰ O programa foi criado no ano de 2008, por determinação do Governador Eduardo Campos. O programa garante aos agricultores o preparo mecanizado das terras e o acesso a sementes (milho, feijão e sorgo) de qualidade. A realização das atividades ficou sob a responsabilidade da Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária, através do IPA.

Fotografia 11 - Formas de aquisição das sementes



- 1 Representantes da comunidade Caldeirão na feira de saberes, sementes e sabores.
 2- Vice- presidente da associação distribuindo as sementes do Programa Terra Pronta.

Foto: Aucilene Rodrigues, em setembro/2019 e março/2022.

Na preparação da terra, tarefa que antecede o plantio, os camponeses utilizam a foice ou a estrovenga (foice de dois gumes) para roçar o mato que cresceu desde o último plantio. Depois, eles juntam o mato cortado com um rastelo, fazendo as chamadas coivaras. Alguns deles fazem as coivaras dentro do terreno e colocam fogo e outros preferem fazer no aceiro do terreno, evitando a queima. Quando necessário, retiram o mato menor com a enxada para facilitar na etapa seguinte, a aração.

A aração da terra acontece tanto por meio da tração animal como da tração motorizada. Essa última acontece, exclusivamente, por intermédio do Programa Terra Pronta, já a primeira, normalmente, por iniciativa dos camponeses. Todavia, os camponeses descreveram que houve uns anos (2014 e 2015) em que o programa ofertou as duas possibilidades, ficando a escolha a critério do beneficiário. Na época, a maioria optou pela aração com tração animal ao invés da aração com trator.

A preferência pela tração animal predomina na comunidade. Em 100% das unidades familiares utilizam o arado na preparação da terra. A escolha se dá pelo fato dos camponeses acreditarem que o processo com a tração motorizada agride o solo e de que a plantação se desenvolve melhor no plantio que usa a tração animal.

O procedimento do plantio é simples. Normalmente os homens que abrem as covas com a enxada, enquanto as mulheres, crianças e idosos vão atrás semeando as sementes e cobrindo com a terra, processo esse feito com os pés. A distância entre as covas e as carreiras varia de acordo com o tipo de cultivo, da extensão das plantas e se foi semeada uma ou mais

culturas na mesma cova ou “pedaço” de terra. Existem situações em que o plantio é feito com o uso da plantadeira, sendo ela manuseada muita das vezes pelos homens, mas ocorre de ser manuseada por mulheres quando estas estão à frente da unidade produtiva.

Ainda sobre o plantio, compreendemos que os (as) camponeses (as) são bastante estratégicos na hora de plantar. Como bem explica a entrevistada:

Na hora que você for plantar você tem que ter uma semente boa para ele dar rendimento. Também tem que saber a hora de plantar cada semente, por exemplo, esse feijão que a gente plantou ali ele tem uma semente bem pequena, mas é um feijão que chega rapidinho tanto que você vai ver que eu já tenho feijão seco. Agora se eu estivesse esperando pelo feijão canapu até agora a gente não tinha visto feijão aqui. Eu já estaria comprando porque o feijão da safra do ano passado já acabou (CAMPONESA 08, 2022)

Ela complementa:

Aqui a gente não planta misturado o milho e o feijão, faz malhada¹¹. A malhada é boa em tudo, o lucro é maior, na hora de cuidar, limpar e de colher é melhor porque não tem o pelo do milho e também é mais rápido para colher viu. Na nossa teoria, é o melhor jeito de se plantar. A gente de tanto trabalhar na terra foi aprendendo que a forma como você maneja a lavoura ela retribui (CAMPONESA 08, 2022).

Depois do plantio, as culturas necessitam de limpezas periódicas para retirar as ervas daninhas que cresce ao redor da planta, processo esse denominado por ele/elas de “limpar o mato”. As limpezas são realizadas pelos homens, mulheres e crianças com o auxílio da enxada e varia de acordo com o ciclo da planta e a quantidade de chuvas (já que ela favorece o crescimento das ervas daninhas). Em relação a esse enfoque, a camponesa declara:

Pagamos para preparar o terreno [processo de aração] e, às vezes, quando está imprensado tem que pagar um dia ou dois para dar conta de limpar o mato logo senão depois fica pior, pois o mato maior fica mais difícil e se chamar trabalhador com ele já grande gasta mais dias de serviços e dinheiro. Pagamos na hora de colher também, Cici. Mas, depende do lucro do ano, se a gente vê que não dá conta a gente chama trabalhador porque se não a gente perde a colheita (CAMPONESA 10, 2022).

A etapa final da produção é a colheita. Ela é feita manualmente, mas, dependendo da cultura, como no caso da mandioca, é necessária a ajuda da enxada ou enxadeco. Na maioria das vezes, a colheita é realizada pelos membros da unidade familiar. No entanto, atentamos para o fato de que nessa etapa existe a ajuda mútua entre os familiares e compadres e, em caráter de urgência como mencionado acima, a contratação de mão de obra.

Basicamente, os camponeses usam implementos manuais tais como: foice, estrovenga, rastelo, arado, facão, enxada e plantadeira nas etapas de produção. Nesse ponto, vale frisar

¹¹ Refere-se ao jeito de plantar as culturas, de modo, separado. Isso ocorre geralmente no plantio de feijão de corda ligeiro. As famílias optam por plantar separado porque logo colhe e já direciona aquele espaço de terra para o plantio de outras culturas.

que nem todas as famílias dispõem dessas ferramentas, especialmente, do arado, por isso, é comum a prática do empréstimo de equipamentos agrícolas na comunidade.

Dos implementos mencionados acima, apenas a enxada não é corriqueiramente emprestada. Isso porque, além da enxada ser uma ferramenta frequentemente usada na unidade, ela é um elemento de identidade do camponês (a). Assistimos uma situação em que ao olhar para a enxada a entrevistada mencionou quem era a dona e como ela manuseava a ferramenta na hora de limpar o mato, explicando que ela só limpava do lado direito e mostrando o lado desgastado da enxada.

Heredia (2013, p.32) também retrata esse caráter identitário da enxada apontando que "frequentemente, utiliza-se a expressão 'trabalho na enxada' para indicar que quem trabalha com ela desenvolve tarefas agrícolas". Isso, possivelmente, explica o fato de que as famílias costumam dispor de enxadas pelo menos em quantidade igual ao número de membros que desenvolvem constantemente atividades agrícolas.

Na comunidade observada, percebemos que a mão de obra familiar é a base da produção, porém existem situações em que as famílias necessitam da mão de obra de outras pessoas no desenvolvimento de suas atividades produtivas, tais como: preparação da terra (aração), limpeza da lavoura e colheita.

Podemos dizer que o camponês tanto conta, em períodos de maiores serviços, com a mão de obra de outras pessoas de fora da unidade familiar no desenvolvimento das suas atividades como vende sua mão de obra para outros que necessitem de mais mão de obra do que dispõe no seio familiar.

O pagamento por essa mão de obra nem sempre ocorre com o dinheiro em si. Em alguns casos, a diária é paga por meio de outros serviços, por exemplo, abastecimento de água ou por aquisição de produtos vendidos pelos camponeses como: leite, queijo, carne suína, caldo de cana, galinha capoeira dentre outros.

No tocante às práticas de conservação do solo, contemplamos tais ações: o uso de tração animal e adubação do solo com esterco, plantio em consórcio, coroamento¹² e uso de cobertura vegetal (Fotografia 12).

12 Limpar uma área circular em torno do caule da planta.

Fotografia 12 - Práticas de conservação do solo



- 1 - Aração da terra com tração animal.
- 2 - Plantio em consórcio das culturas: mandioca, jerimum, bananeira, manga, limão, cajueiro e palma.

Foto: Aucilene Rodrigues, em fevereiro/2021 e março/2022.

Práticas como essas atestam a contribuição dos camponeses na sustentabilidade ambiental e resultam em efeito benefício para a produção. Como citou a entrevistada:

Cilene¹³ veio aqui uma vez e disse que era bom para as plantas fazer um círculo em volta dela e colocar uns matos para ficar como uma esponja, sabe? Eu fiz ali nos pés de coco foi à vez que tirei mais coco viu. Acho que eu tirei uns quinze cocos dessa vez. Eu vou fazer esse ano de novo igual ela disse para ver se eles colocam muito de novo (CAMPONESA 12, 2022).

No que tange ao destino dos produtos, vimos que o (as) camponês (as) prioriza o consumo (humano e animal), vendendo apenas o excedente da produção. Assistimos também que é bastante comum a prática de partilhar os produtos com os familiares, compadres e vizinhos. À vista disto, a tabela abaixo sintetiza a produção e o destino dos produtos nas unidades observadas.

13 Valcilene Rodrigues, Val ou Cilene como é conhecida na comunidade, é filha natural da comunidade, doutora em Geografia pela UFPE e professora Adjunta na UFPI e desde 2007 vem desenvolvendo atividades na comunidade junto aos camponeses.

Quadro 3 - Produção e destino dos produtos cultivados nas unidades familiares

Unidade Produtiva	Espécies cultivadas	Destino	Modo de consumo	Tipo de venda	Canal de comercialização
01	Milho	Consumo	In natura	-	-
	Feijão	Consumo	In natura	-	-
	Batata doce	Consumo	In natura	-	-
	Jaca	Consumo/doação	In natura	-	-
	Limão	Consumo/doação	In natura	-	-
	Manga	Consumo/doação	In natura	-	-
	Acerola	Consumo/doação	Polpa	-	-
	Goiaba	Consumo/doação	In natura/doce	-	-
	Caju	Consumo/doação	In natura	-	-
Pinha	Consumo/venda	In natura	Indireta (atravessador)	Porta a porta	
02	Milho	Consumo	In natura	-	-
	Feijão	Consumo	In natura	-	-
	Coentro	Consumo/doação	In natura	-	-
	Pimenta	Consumo	In natura	-	-
	Graviola	Consumo/venda	In natura/polpa	Direta (Consumidor)	Whatsapp (Comunidade)
	Pinha	Consumo/venda	In natura	Indireta (atravessador)	Porta a porta
	Caju	Consumo	In natura	-	-
Goiaba	Consumo/venda	In natura/polpa	Direta (Consumidor)	Whatsapp (Comunidade)	
03	Milho	Consumo	In natura	-	-
	Feijão	Consumo	In natura	-	-
	Jerimum	Consumo	In natura	-	-
	Acerola	Consumo/doação	Polpa	-	-
	Mamão	Consumo/doação	In natura	-	-
	Laranja	Consumo/doação	In natura	-	-
04	Milho	Consumo	In natura	-	-
	Feijão	Consumo	In natura	-	-
	Mamão	Consumo	In natura	-	-
	Banana	Consumo	In natura	-	-
05	Milho	Consumo	In natura	-	-
	Feijão	Consumo	In natura	-	-
	Fava	Consumo	In natura	-	-
	Melancia	Consumo/doação	In natura	-	-
	Mamão	Consumo	In natura	-	-
06	Milho	Consumo/ venda	In natura	Direta (consumidor)	PAA
	Feijão	Consumo/ venda	In natura	Direta (consumidor)	PAA
	Mandioca	Consumo/venda	In natura	Direta (consumidor)	PAA

	Fava	Consumo	In natura	-	-
	Jerimum	Consumo (humano/animal)	In natura	-	
	Fava	Consumo	In natura	-	
	Pimenta	Consumo/doação	In natura	-	
	Pimentão	Consumo	In natura	-	
	Quiabo	Consumo/doação	In natura	-	
	Pimentão	Consumo/doação	In natura	-	-
	Banana	Consumo/doação	In natura	-	-
	Mamão	Consumo/doação	In natura/ doce	-	-
	Graviola	Consumo/venda	In natura/polpa	Direta (consumidor)	PAA
	Pinha	Consumo/venda	In natura	Direta Indireta	PAA Porta a porta
	Caju	Consumo (humano/animal)	In natura/ polpa/doce	-	-
	Capim	Consumo animal	Forragem	-	-
	Palma	Consumo animal	In natura	-	-
07	Milho	Consumo	In natura		-
	Feijão	Consumo	In natura	-	-
	Jerimum	Consumo	In natura		-
	Melancia	Consumo	In natura	-	-
	Coentro	Consumo	In natura	-	-
08	Milho	Consumo	In natura		
	Feijão	Consumo	In natura	-	-
	Fava	Consumo/venda	In natura	Indireta (atravessador)	Mercado
	Melancia	Consumo	In natura	-	-
	Jerimum	Consumo/venda	In natura	Indireta (atravessador)	Whatsapp
	Goiaba	Consumo	In natura/doce	-	-
	Banana	Consumo	In natura	-	-
	Manga	Consumo	In natura	-	-
	Acerola	Consumo	Polpa	-	-
	Morango	Consumo	In natura	-	-
	Caju	Consumo	In natura/polpa	-	-
	Maracujá	Consumo	Polpa	-	-
	Laranja	Consumo	In natura	-	-
	Morango	Consumo	In natura	-	-
	Umbu	Consumo	In natura	-	-
Mamão	Consumo	In natura	-	-	
Palma	Consumo animal	In natura	-	-	
09	Milho	Consumo/venda	In natura	Indireta (atravessador)	Mercado
	Feijão	Consumo	In natura	-	-

	Cana de açúcar	Consumo/venda	Caldo	Direta (consumidor)	Whatsapp (comunidade)
	Palma	Consumo animal	In natura	-	-
10	Milho	Consumo	In natura	-	-
	Feijão	Consumo	In natura	-	-
	Jerimum	Consumo	In natura	-	-
	Melancia	Consumo	In natura	-	-
	Palma	Consumo animal	In natura	-	-
	Capim	Consumo animal	Forragem	-	-
11	Milho	Consumo	In natura	-	-
	Feijão	Consumo	In natura	-	-
	Fava	Consumo	In natura	-	-
	Jerimum	Consumo	In natura	-	-
	Coentro	Consumo	In natura	-	-
	Alface	Consumo	In natura	-	-
	Pimenta	Consumo	In natura	--	-
	Cebolinha	Consumo	In natura	-	-
	Palma	Consumo animal	In natura	-	-
12	Milho	Consumo	In natura	-	-
	Feijão	Consumo	In natura	-	-
	Jerimum	Consumo	In natura	-	-
	Cebolinha	Consumo	In natura	-	-
	Coentro	Consumo	In natura	-	-
	Coco	Consumo/venda	In natura	Indireta (atravessador)	Bares
	Caju	Consumo	In natura	-	-
	Goiaba	Consumo/doação	In natura/polpa	-	--
	Acerola	Consumo/doação	Polpa	-	-
	Limão	Consumo/doação	Polpa	-	-
	Banana	Consumo	In natura	-	-
	Capim	Consumo animal	Forragem	-	-
	Palma	Consumo animal	In natura	-	-

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Conforme observado na tabela acima, a produção de verduras e legumes não aparece com frequência e variedade. Provavelmente este fato esteja associado à falta de água para produção, uma vez que apenas uma das entrevistadas relatou que possuía cisterna calçada adquirida através do Programa Uma Terra e Duas Águas - P1+2.¹⁴ No caso das frutíferas, vimos que, em todas as unidades, elas são irrigadas por meio do reuso de água do uso doméstico como estratégia para sanar essa dificuldade apresentada e vivenciada por eles.

¹⁴ O P1+2 é um programa governamental voltado para a convivência com o semiárido e tem por objetivo promover a soberania e a segurança alimentar e nutricional das famílias rurais e fomentar a geração de emprego e renda para as mesmas. Fonte: <https://www.asabrazil.org.br/acoes/p1-2>, acessado em 06/09/2022.

Ainda se tratando das informações contidas na tabela, ela demonstra que as famílias usam algumas estratégias para o “aproveitamento” dos produtos, tais como produção de polpa, doce, bolo e caldo, alimentação animal e doação. Sabourin (1999) explica a prática de doações nas sociedades camponesas a partir do conceito da dívida, fundamentado por Marcel Mauss que define como pilares constituintes da prática: o dar, receber e retribuir. Baseado nessa lógica e nas descrições apresentadas pelas entrevistadas e entrevistado, podemos dizer que na comunidade estudada as doações são recíprocas.

Um dado igualmente importante a ser frisado aqui é o déficit identificado em relação ao acesso às políticas públicas de incentivo e inclusão produtiva rural, a exemplo, o Programa de Aquisição de Alimentos- PAA (substituído pelo Programa Alimenta Brasil) mencionado na comunidade, na qual, apenas uma camponesa diz participar do mesmo.

Essa invisibilidade da produção camponesa pelas políticas públicas no sertão nordestino é mencionada nos trabalhos de Sabourin (1999). Cabe mencionar que da época em que o autor fez esse apontamento até meados de 2016 houve grandes avanços, porém nos anos seguintes devido ao cenário político ocorreu um grande retrocesso em relação às pautas voltadas para as sociedades camponesas.

Em referência a criação de animais, constatamos que essa atividade é bastante importante dentro das unidades produtivas, pois os animais são tidos como fonte de alimento, renda e força de trabalho, principalmente, na época de estiagem em que é necessário buscar água e ração em locais distantes das unidades. O Gráfico abaixo evidencia a diversidade e a distribuição dos rebanhos nas unidades familiares estudadas.



Fonte: Pesquisa de pesquisa realizada em fevereiro/abril de 2022.

Geralmente, as famílias que criam animais, conciliam ao menos duas espécies, sendo mais criados os suínos (33%), as aves (25%) e os bovinos (21%), presentes em 79% das unidades estudadas.

A preferência por essas espécies, são estabelecidas de forma estratégica pelas famílias. No caso dos suínos e aves, a escolha se dá pelo fato de que a criação de um pequeno número permite o aproveitamento de resto de culturas para alimentação e também pela venda imediata desses animais para atender as necessidades familiares. Como frisado pela entrevistada:

Agora mesmo eu vou ter que me desfazer dos porcos para honrar com um compromisso. Eu queria mesmo era vender a vaca, mas é mais demorado vender bicho grande tem que ver bem os preços, ir às feiras e oferecer a mais de um comprador para evitar prejuízo (ENTREVISTADA 06, 2022).

De acordo com ela, a venda de suínos é realizada, quase sempre, na própria comunidade por meio da comercialização da carne, sendo o abate do animal ¹⁵praticamente um evento comunitário onde a vizinhança se reúne para aquisição da carne (encomendada com antecedência pelo whatsapp) e para degustar da rabada que é ofertada pelos donos da casa ao final da matança (Fotografia 13).

Fotografia 13 - Abate de suínos nas unidades produtivas



Foto: Venilson Rodrigues, em 2021 e Aucilene Rodrigues, em 2022.

¹⁵ Sobre isso os camponeses(as) relataram que o abate na comunidade se dá pelo fato de que o município não dispõe de matadouro e que precisaria se deslocar e pagar transporte para cidade vizinha para fazer o abate [o que não seria viável financeiramente para eles(elas)]. Além disso, demonstram incertezas quanto à higienização do local de abate lá, nas palavras deles: “quem garante que lá é limpo mesmo? Aqui eu garanto viu! E todos que vão consumir vêm e ver como é feito a matança”.

No caso dos bovinos, é comum encontrar nas unidades uma “junta de boi¹⁶” destinado a força de trabalho e uma “vaca de bezerro”¹⁷ para assegurar o consumo do leite e/ou queijo da família. Vimos que, na maioria dos casos, as famílias não ampliam o número de animais devido a pouca disponibilidade de terra.

Algumas estratégias são usadas pelos camponeses para garantir a alimentação desses animais, dentre elas: o aluguel de pastagens em áreas próximas e, às vezes, distantes de suas unidades e a preparação de ensilagem. Geralmente, a ensilagem é feita por meio de mutirão (Fotografia 14).

Fotografia 14 - Mutirão no desenvolvimento de atividades agrícolas

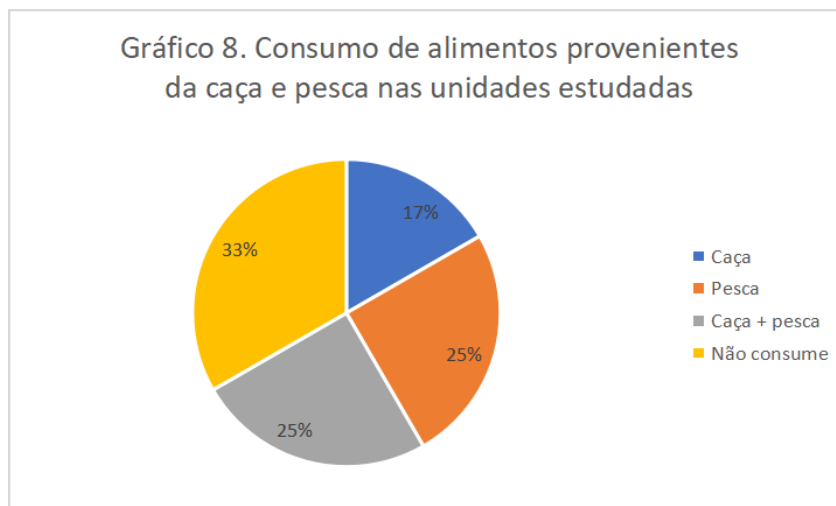


Foto: Aucilene Rodrigues, em julho de 2021.

Relacionado ao consumo proveniente da caça e/ou pesca, percebemos que 33% das unidades as pessoas não são adeptas ao consumo e que 67% costumam consumir alimentos oriundos tanto da caça como da pesca (Gráfico 8).

16 Denominação dada a uma dupla de bois treinados e usados para realização de atividades rurais.

17 Nome dado ao animal destinado a ordenha.



Fonte: Pesquisa de pesquisa realizada em fevereiro/abril de 2022.

Diante das falas das entrevistadas, compreendemos que na comunidade tanto a prática de pesca como caça é tipicamente masculina e também que boa parte dos consumidores é de homens. Ouvimos com bastante freqüência as frases: “Eles gostam de comer animais de caça e pesca” ou “eu só como peixe e apenas na semana santa mesmo, mas eles todo tempo”.

No intuito de entendermos as motivações para realização das atividades de pesca e caça, conversamos com dois homens que desenvolvem tais práticas, eles mencionaram que:

A pessoa começa a pescar por esporte [pela diversão na beira do açude], mas basta postar uma foto no status do whatsapp que começa o pessoal mandar mensagem perguntando se o peixe é para vender. Aqui o pessoal tem essa cultura de comer animais de pesca desde a época dos meus bisavôs. Já a caça não é por diversão não. Todo caçador gosta de comer os animais e também porque quando vende alguma das caças coloca aquele dinheiro em outra coisa que está precisando em casa (Diário de campo, 02 de junho de 2022).

Algumas mulheres casadas, a maioria delas, acham que os homens vão pescar por conta de outros interesses, mas pelo menos no meu caso não, vou porque a farrá na beira d’ água é boa demais, posso ir e não pescar nada que volto para casa feliz só por está lá com os amigos. Já a caça não, a pessoa quer ir e trazer alguma coisinha para comer. Mas, não sai matando tudo não, por exemplo, se tiver uma rolinha no ninho eu não mato. Do mesmo jeito com preá fêmea com filhotes, também não mato, jamais! Tem todo um cuidado porque a gente quer comer, mas quer que eles se reprodução para não acabar com as espécies (Diário de campo, 05 de junho de 2022).

As falas acima evidenciam uma série de fatores envolvidos na concretização das práticas tanto de caráter socioeconômico como cultural. São atividades motivadas pelos conhecimentos tradicionais e alimentares repassado de geração para geração e constitui em um espaço de sociabilidade para os homens.

Diante do exposto acima, concordamos com Boaventura de Souza Santos (1981) quando menciona, em seus estudos decoloniais, que o campesinato é complexo e

multifacetado e julgá-lo a partir do conhecimento da ciência moderna e da racionalidade capitalista é uma prática reducionista e mutiladora. Logo, o campesinato tem formas e motivações próprias que estão ligadas ao trabalho, ao processo organizacional e a sua cultura. Portanto, consideramos que o modo de vida camponês aqui apresentado não deve ser generalizado, isto é, tido como único modo de vida da população do campo e nem igualado a outros modos de vida.

4.3 O PROCESSO ORGANIZACIONAL DA COMUNIDADE E OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

O processo organizacional do Caldeirão gira praticamente em torno da Associação Comunitária. A mesma foi criada no dia 28 de fevereiro de 1995 com o objetivo de reivindicar algumas melhorias para comunidade, prioritariamente, energia elétrica e reconstrução do açude do padre.

Da fundação até os dias atuais, houve 3 presidentes e 3 presidentas, sendo as eleições realizadas a cada dois anos. A organização conta com a participação de aproximadamente 75 sócios ativos pertencentes a Caldeirão e as comunidades do entorno: Mussambê, Boqueirão dos Pacas e o Gato. Os sócios pagam uma taxa mensal no valor de 3,00 reais, o que permite à associação pagar seus impostos, como o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ e certidões negativas.

As reuniões ordinárias ocorrem no último domingo de cada mês no turno da tarde. Geralmente, iniciam com os informes e, em seguida, pela pauta da reunião. Ao final tem o recolhimento da taxa mensal e preenchimento de alguma documentação solicitada pelos sócios em casos de aposentadorias ou benefícios. Em paralelo, sempre acontece conversas informais sobre temas da vida cotidiana.

A associação desenvolve um papel articulador, servindo de ponte entre os camponeses e as instituições externas como Secretaria de Agricultura, Sindicato, Organização não Governamental – ONG e universidade, resultante em inserção de alguns programas, projetos, cursos de capacitações e “dia de campo” na preparação de ração animal e conservação do solo dentre outros.

Dos projetos e ações desenvolvidas na comunidade teve grande notoriedade pelos(as) entrevistados(as) a feira de Saberes, Sementes e Sabores e o prosa e café com as mulheres.

- a) **Feira de Saberes Sementes e Sabores:** A feira tem sido realizada desde 2015 pelas comunidades: Caldeirão, Vila de Fátima, Lagoa dos Campos e Neppag Ayni – UFPE,

proporcionando aos camponeses brejinhenses momento de festa, confraternização e aprendizados. No espaço, além da troca de sementes crioulas, citada anteriormente, ocorre apresentações culturais, exposições dos trabalhos desenvolvidos pelas comunidades e venda de comidas típicas. Na perspectiva dos camponeses (as):

Para nós que somos camponeses foi muito interessante a feira porque devido às secas que houve perdemos muitas das nossas sementes crioulas e graças à feira estamos conseguindo resgatá-las. Espero que esse ano a gente possa se reunir de novo na Foveira (ENTREVISTADA 06, 2022).

A feira de Sementes, Sabores e Saberes é uma tática dos(as) camponeses(as) para manter suas sementes crioulas, seus valores e saberes frente às transformações modernistas que trazem ameaças para a diversidade, tradição, saberes e modo de vida das populações do campo. A feira esse ano será realizada nos dias 01 a 04 de dezembro.

- b) **Prosa e café com as mulheres:** O bate papo foi sobre como é “ser mulher no sertão” e ocorreu no dia 21 de julho de 2019 com a finalidade de que as organizadoras compreendessem melhor o tema para apresentação de trabalho na Associação LatinoAmericana de Sociologia em Lima, Peru. Ao comentar sobre o momento, uma das entrevistas relatou:

Participei das capacitações que você e sua irmã organizaram aqui sobre como preparar ração dos bois [ensilagem] e daquela só com as mulheres. Eu queria que tivesse mais daquelas com as mulheres viu? Foi uma tarde muito agradável precisava ter mais momentos daqueles, para gente conversar, se entrosar mais e aprender juntas sobre alguns assuntos que só desprezita a nós mulheres (ENTREVISTADA 08, 2022).

De acordo com a fala acima, percebemos que as mulheres se sentem acolhidas e à vontade para conversar e refletir sobre determinados assuntos estando em espaços apenas com mulheres. Durante as entrevistas as mulheres demonstraram interesses em participar de espaços e atividades voltadas para o fortalecimento do empoderamento feminino e promoção da independência financeira das mulheres.

Analisamos que tanto as reuniões ordinárias da associação quanto os demais eventos e encontros articulados a partir dela são espaços de sociabilidade para os (as) camponeses (as). Conforme exibido pela entrevistada: “Essas reuniões e encontros são importantes porque a pessoa aprende sobre muitas coisas e sai de casa um pouquinho né?” (ENTREVISTADA 11, 2022).

Além dos eventos ligados a associação, os cultos e festividades da igreja tanto evangélica como católica são espaços importantes na constituição das relações sociais. A comunidade não dispõe de igreja (enquanto estrutura física) evangélica ou católica. Então, as

peças se deslocam para outra localidade para participar dos cultos, missas e festividades. Para isso, elas se articulam e vão ao mesmo horário de moto ou alugam um carro para que todos possam ir juntos e em segurança já que frequentemente esses eventos são noturnos. Esses espaços acabam por serem encontros de fé e sociabilidade, pois as pessoas compartilham temas da vida cotidiana e até as dificuldades e são acolhidas e ajudadas pelos membros da igreja.

Outro espaço de sociabilidade identificado foi o açude de Tião. Nele ocorrem as pescarias, mencionadas no tópico acima, e os banhos de açude durante o inverno quando ele está sangrando. Os banhistas são homens, mulheres, jovens e crianças da comunidade e de outras localidades que se reúnem aos finais de semana para tomar banho, conversar, dar risadas, brincar e desfrutar da companhia uns dos outros.

A associação, a igreja e o açude são elementos estruturantes da vida social dos(as) camponeses(as), são espaços de mobilização social, fé e lazer, ou seja, da sociabilidade camponesa. Abaixo alguns registros desses momentos:

Fotografia 15 - Encontros organizacionais e espaços de sociabilidade na comunidade



Foto: Valcilene Rodrigues, 2019; Paulo Santos, 2021 e Aucilene Rodrigues, 2022.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as dinâmicas desenvolvidas pelos camponeses(as) na comunidade Caldeirão, Brejinho/ PE, para assegurar sua reprodução social e o modo de vida camponês. Reiteramos que a compreensão de modo de vida aqui abordada está associada ao modo de se organizar, pensar, agir e viver das pessoas/grupos. No caso específico de Caldeirão, essas pessoas são agricultores rurais que, em sua minoria, adquiriram a posse da terra por herança e possuem laços de parentesco, compadrio e vizinhança, características que lhes atribuem uma identidade camponesa.

No que se refere às indagações da pesquisa empírica, foi constatado que os camponeses (as) se reproduzem socialmente e asseguram o modo de vida através de estratégias individuais (acesso à terra, produção diversificada, produção para o auto-consumo, mão de obra familiar, recebimentos de aposentadorias e benefícios) e por meios coletivos (participação na associação, feira, dentre outros) e também pela relação estabelecida com o espaço, isto é, as relações sociais e econômicas estabelecidas dentro da comunidade.

Dentre as dinâmicas desenvolvidas e/ou adotadas por elas (e ele) podemos citar:

- a) As práticas de reciprocidade entre parentes, compadres e vizinhos;
- b) A reprodução das práticas produtivas e culturais motivadas pelos conhecimentos tradicionais perpetuados de geração para geração;
- c) Inclusão de novos mecanismos na comercialização dos produtos dentro e fora da comunidade, a exemplo, whatsapp;
- d) A participação na associação e espaços coletivos e parcerias e/ou apoio das instituições externas (Secretária de Agricultura, Sindicato, IPA, ONG's e universidades).

Embora a parceria e/ ou apoio de instituições externas possa ser um ponto delicado e passível de crítica dentro do campo teórico, compreendemos como sendo um elemento positivo para a reprodução social das comunidades camponesas. No entanto, reconhecemos que é preciso cautela e criticidade no que diz respeito as ações desenvolvidas por elas nesses espaços para que as atividades não acabem indo de encontro aos interesses e valores da população do campo.

Além disso, não poderia escapar desta análise, a menção das dificuldades enfrentadas pelos (as) camponeses (as) como o acesso à terra em quantidade suficiente para garantir a estabilidade econômica dos mesmos, o déficit em assistência técnica qualificada e voltada para agricultura camponesa e o acesso as políticas públicas para incentivar, diversificar e

fortalecer a agricultura familiar a fim de evitar que os camponeses sofram exploração do mercado capitalista.

Ademais, verificamos que as mulheres desenvolvem um papel de extrema relevância na agricultura camponesa e reprodução social do modo de vida. Mas, infelizmente, não foi possível aprofundar essa discussão no trabalho.

A respeito do referencial teórico usado no trabalho, consideramos que foi de suma importância para enxergarmos esses resultados. No entanto, interpretamos que outros autores poderiam ser chamados para o diálogo, de antemão já citamos Jan Douwe Van Der Ploeg, porém não foi possível incluí-los nesse momento.

Por fim, o que se constatou neste trabalho foi que, apesar de todas estas estratégias desenvolvidas pelos camponeses (as), eles ainda têm sua reprodução social ameaçada pela fragmentação progressiva da terra, porém é evidente o caráter de resistência (consciente ou não) destes em permanecerem no campo e reproduzir seu modo de vida. Todavia, muitos desafios ainda precisam ser vencidos. Avante!

REFERENCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70. Ed. – Lisboa, 1977.

BENFICA, Thalita Pedrosa Vieira de Carvalho; CARVALHO, Martha Benfica do Nascimento de; WITKOSKI, Antônio Carlos. **Modo de vida camponês e identidade indígena na comunidade Dom Pedro II, em Barcelos, AM**. Dossiê Amazonas, Barcelos, 2019.

BOSETTI, Cleber José. **O camponês no olhar sociológico: de fadado ao desaparecimento à alternativa ao capitalismo**. Revista IDEAS, v.5. n.2, p. 08-32, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://revistaideas.ufrj.br/ojs/index.php/ideas/article/view/87/87>

CARVALHO, Joelson Gonçalves de. **Camponês e campesinato: contribuições teóricas de uma evidência empírica no Brasil**. In: 39º Encontro Anual da Anpocs. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/39-encontro-anual-da-anpocs>

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. **A técnica de entrevista na pesquisa social**. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

DONATON, Gabriela. **Estratégias de reprodução social e econômica em pequenas unidades produtivas rurais: o caso dos bairros rurais 1º de maio/Timburi e Ponte Alta/Córrego da Onça no Município de Presidente Prudente (SP)**. 122f. Monografia (Bacharel em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista – Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2013.

GOMES, Enedina Leite de Vasconcelos. **Brejinho, uma estrela que brilha na nascente do Pajeú**. Brejinho, 2017.

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão Agrária e Ecologia: Crítica da Agricultura Moderna**, São Paulo, 1985.

GIL, Antônio Carlos. **Método e Técnicas em Pesquisa Social**. 6. Ed. – São Paulo. Atlas, 2008.

KOURI, Joffre; SANTOS, Robério Ferreira dos. **Efeitos do processo de Modernização tecnológica na produção agrícola do Nordeste Brasileiro**. Repositório Alice- Acesso Livre a informações Científica da Embrapa. Amapá, 1999

NABARRO, Sergio Aparecido. **O Conceito Modo de Vida no Pensamento Social Moderno**. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales. Vol XXVI, num 1.316. Barcelona, 2021.

NASCIMENTO ROSA, M. do; STACCIARINI, J. H. R. **Os camponeses: uma leitura necessária**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7, 2014, Vitória. Anais... Vitória: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2014.

As estratégias de reprodução camponesa na luta pela permanência na terra: uma leitura a partir da Comunidade Ribeirão município de Catalão/GO/Brasil. Goiás, 2012.

NÓBREGA, Antônio Adriano. **Grupo de Mulheres Art's e Barro de Brejinho – PE: o enfrentamento a pobreza e a luta por um espaço de inclusão social pelo trabalho.** 87f. Monografia (Bacharel em Geografia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

OLIVEIRA, A. U. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

SABOURIN, Eric. Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro. **Raízes Revista de Ciências Sociais e Econômicas.** v.165. n.20, p. 41-49, Campina Grande, 1999.

Camponeses do Brasil entre a troca mercantil e a reciprocidade. Hal open science. Rio de Janeiro, RJ, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A pequena agricultura e as ciências sociais. **Revista crítica de ciências sociais,** p. 559-563, dez 1981.

SILVA, Valcilene Rodrigues da. **Pluriatividade e Sustentabilidade em Comunidades do Semiárido Nordestino.** 149f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

TAVARES, Braulio. **Função da música na cantoria de viola.** Synergies Brésil, n. 9, 2011.

WANDERLEY, Maria de Narareth Baudel. **Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro.** In: XX Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, MG, 1996.

O Campesinato Brasileiro: uma história de resistência. RESR, vol.52, 025-044, Piracicaba, SP, 2014.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA HISTÓRIA ORAL COM PESSOAS - CHAVES

1. Nome e idade do entrevistado?
2. Por que o nome Caldeirão?
3. Há quanto tempo mora/morou na comunidade? Se não mora, perguntar como era a vida dela quando morava na comunidade e por que saiu?
4. Quem eram as famílias que moravam na comunidade?
5. Qual era o tamanho médio das propriedades?
6. O que as famílias produziam?
7. Havia mutirões? Se sim, qual o tipo de serviço realizado e como era realizado?
8. Quais eram os principais eventos religiosos da comunidade? (missas, novenas, terços, cultos)?
9. Que festas eram realizadas na comunidade? Como elas eram?
10. Como era a relação entre as famílias da comunidade?
11. Teve alguma mulher que desempenhou um papel importante na comunidade (parteira, missionária, presidenta da associação, professora)?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS CAMPONESAS DA COMUNIDADE

ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

Número de membros da família?

Nome	Parentesco	Idade	Escolaridade	Ocupação Principal

Recebe aposentadoria rural ou benefícios sociais? Se sim, quais.

Utiliza crédito de banco (Pronaf, PAA, PNAE)?

Tem transporte próprio?

Possui tecnologia de armazenamento de água para consumo humano?

Possui freezer ou outro equipamento para congelamento/conservação dos produtos?

Utiliza lenha, carvão e/ou biogás para cozinhar?

SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

Forma de aquisição da terra (herança/ compra/doação ou posse)?

Tamanho da propriedade?

Há quantos anos a família reside e/ou trabalha nesta propriedade?

Quantas pessoas trabalham na agricultura?

Como ocorre a divisão do trabalho?

Planta toda a área? Se sim, por quê.

Trabalha em outra propriedade? Se sim, precisa pagar pelo uso da terra?

QUESTÃO PRODUTIVA

Quais culturas você costuma plantar?

Como adquire as sementes?

Utiliza alguma prática de conservação do solo? Se sim, qual.

Usa mecanização no preparo e plantio do solo? Se sim, qual.

Possui máquina ou implemento agrícola?

Contrata pessoas por algum período? Se sim, qual forma de pagamento.

Possui tecnologia de armazenamento de água para produção? Se sim, quais alimentos são cultivados?

Os produtos são para o consumo ou venda?

Qual ou quais os locais de venda?

Faz alguma cultura exclusivamente para a venda? Se sim, onde vende?

Quais animais criados na propriedade? Qual o destino deles?

Você compra ou produz a alimentação para os animais na propriedade?

Você costuma consumir alimentos provenientes da pesca e/ou caça?

PROCESSO ORGANIZACIONAL E SOCIABILIDADE

Participação social (associação, conselho, sindicato)?

O companheiro participa também? Se sim, quem teve a iniciativa?

Qual ou quais as motivações da participação nesses espaços?

Participa ou participou de algum projeto desenvolvido na comunidade? Se sim, qual?

Participa de atividades coletivas (mutirão, outros)

Como é sua relação com seus vizinhos (existe troca de produtos/serviços e solidariedade, existem conflitos)?

ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DA COMUNIDADE

Quais as atividades de lazer da família?

Qual/quais as religiões da família?

Que eventos culturais (festas, feiras, torneios esportivos, comemorações...) e/ou religiosos (missas, terços, cultos...) são realizados na comunidade? Como são esses eventos?

Qual a importância desses eventos/reuniões para a senhora?

Como você avalia a participação das mulheres na comunidade?